PARA SEMPRE, RITA!

Uma vida dedicada à educação,
à cultura e às pessoas.

© 2026 Direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem a permissão por escrito do autor.
.....

O conteúdo desta obra é de exclusiva responsabilidade do autor,
não refletindo necessariamente a opinião da editora.
.....

Obra catalogada conforme regem as normas editoriais com as devidas aprovações de seus autores e /ou responsáveis legais.
.....

- Ficha técnica -

Direção editorial: Luciano Becalete
Coeditora: Fabiana Lourenço Becalete
Assistente editorial 1: Evelyn Lourenço Becalete
Assistente editorial 2: Guilherme Pelegrini
Projeto gráfico e diagramação: Potira Manoela de Moraes
Imagem de capa: Acervo público digital
.....

Editora Becalete
Livros e encantos
contato@editorabecalete.com
editorabecalete@gmail.com
www.editorabecalete.com.br
@editorabecalete

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A168a Academia Itapemense de Letras.
Antologia literária. Vol. III - Para sempre, Rita! Uma vida dedicada à educação, à cultura e às pessoas / Academia Itapemense de Letras.– Mogi Guaçu, SP: Becalete, 2026.
124 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-6234-049-5

1. Literatura brasileira. 2. Antologia. I. Título.

CDU 869.0(81)
CDD B869

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348



ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS

ANTOLOGIA LITERÁRIA • VOL. III

PARA SEMPRE, RITA!

Uma vida dedicada à educação, à cultura e às pessoas.

EDITORA BECALETE
Livros e Encantos
MOGI GUAÇU/SP
2026

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS

ANTOLOGIA LITERÁRIA • VOL. III

Comissão responsável, designada pela
Portaria Nº 001/AIL/2026, de 21 de maio de 2026:

André Gobbo - Coordenação Geral
Ilda Helena César - Membro
Marileide Lonzetti - Membro
Magnus Francisco Antunes Guimarães - Membro
Maristela Oliveira Rocha - Membro
Estella Parisotto Lucas - Membro

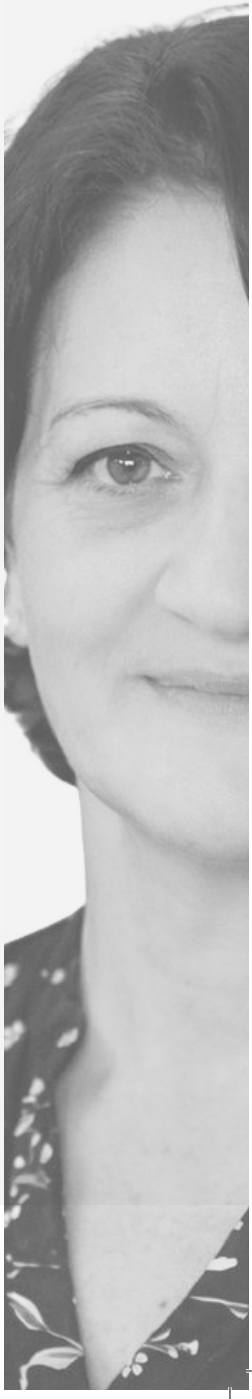
As ideias defendidas e opiniões expressas em cada texto são de responsabilidade de cada autor(a), não expressando, necessariamente, as verdades defendidas pelas Academia Itapemense de Letras (AIL). Cabe, portanto, a cada autor(a), o cuidado e o respeito pela autenticidade do conteúdo apresentado, de acordo com o estabelecido no Código de Ética da AIL.

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS

Instagram: @academiaitapemensedeletras
Site: www.academiaitapemense.org.br
E-mail: academiaitapemensedeletras@gmail.com

2026

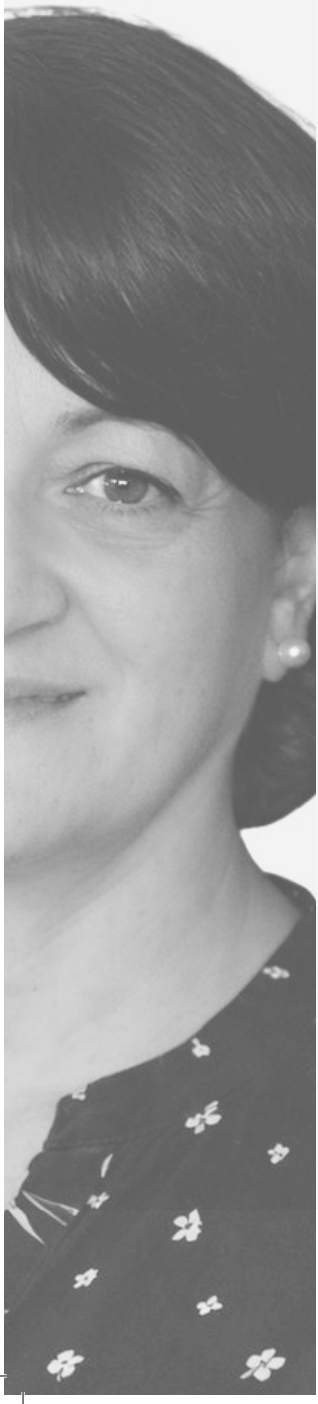
APRESENTAÇÃO



Apresentamos ao leitor a obra '*Para Sempre, Rita!*', uma antologia especial concebida como tributo à memória, à trajetória e ao legado de **Rita Carolina Werner Wollinger**, mulher cuja vida se entrelaça de forma definitiva à história cultural de Itapema.

Foi em setembro de 2025, ano em que a Academia Itapemense de Letras celebrava suas bodas de prata, que surgiu entre os acadêmicos — especialmente entre aqueles que tiveram o privilégio de conhecer e conviver com Rita — a iniciativa de homenageá-la com o Título de Membro Honorária *Post Mortem*. A indicação, de autoria dos acadêmicos André Gobbo, Ilda Helena Cezar, Marileide Lonzetti, Maristela Oliveira Rocha, Estella Parisotto Lucas e Magnus Francisco Antunes Guimarães, datada de 25 de setembro de 2025, foi aprovada por unanimidade.

Na justificativa apresentada, registrou-se com sensibilidade e justiça que "conceder-lhe o título de Membro Honorária Post Mortem seria um ato de reconhecimento permanente de sua trajetória e de sua importância para a literatura, a cultura e a vida pública de Itapema".



Coube-nos, então, a honrosa responsabilidade de organizar esta coletânea alusiva à vida e à obra de nossa mais nova e ilustre integrante honorária. Cada texto aqui reunido revela, sob diferentes olhares e sensibilidades, a grandeza humana, intelectual e cultural de Rita. São memórias, relatos, reflexões e homenagens que testemunham a profundidade de sua presença e a permanência de sua contribuição para a sociedade itapemense.

Mais do que recordar uma trajetória, esta obra eterniza um legado. Rita transcende o tempo por meio das palavras, das ações e das marcas que deixou na história de Itapema.

Assim, *'Para Sempre, Rita!'* nasce como expressão de carinho, respeito e gratidão — um registro afetivo e histórico destinado às atuais e futuras gerações.

SUMÁRIO

A FÊNIX ALÇOU O VOO DA IMORTALIDADE..... 11
Por André Gobbo

RITA & GERSON..... 29
Por Gerson José Wollinger

ELA ERA CASA 35
Por Ana Carolina Werner Wollinger

PARA MIM, APENAS MINHA MÃE 41
Por Leonardo Bertoldo Werner Wollinger

RITA: IRMÃE..... 47
Por Raviane Cristina Werner

UMA LIDERANÇA QUE TRANSFORMOU CAMINHOS..... 53
Por Ilda Helena Cezar

A CULPADA..... 57
Por Ana Cláudia Duarte dos Santos

CARTA PARA RITA!..... 63
Por Jacinta Bez

RITA CAROLINA..... 67
Por Maria Ledir Santos de Abreu

POEMA PARA RITA!..... 71
Por Marileide Lonzetti

HÁ PESSOAS QUE PERMANECEM 75
Por Marily Helena da Silva

HOMENAGEM À RITA..... 79
Por Cristiani Soares Vieira

ODE A RITA CAROLINA WERNER WOLLINGER..... 81
Por Maristela Oliveira Rocha

HOMENAGEM À RITA CAROLINA WERNER WOLLINGER... 85
Por Magnus Francisco Antunes Guimarães

RITA: UMA MULHER QUE EDUCAVA COM PRESENÇA..... 93
Por Maira Kelling

A PÁSCOA DE DONA RITA!..... 97
Por André Gobbo

GALERIA DOS PRESIDENTES DA AIL..... 101

GALERIA DOS PATRONOS E MEMBROS DA AIL..... 107

GALERIA DOS MEMBROS HONORÁRIOS DA AIL..... 122

A FÊNIX ALÇOU O VOO DA IMORTALIDADE

Por André Gobbo

Saibam vocês que relutei até os últimos dias para escrever estas palavras. Eu sabia que revisitar essas lembranças significaria abrir novamente feridas da alma que o tempo ainda não conseguiu curar. Há memórias que aquecem o coração, mas também existem aquelas que o descompassam. E falar sobre a grandiosidade da vida de **Rita Carolina Werner Wollinger** é carregar o peso delicado e imenso de transformar a saudade em palavras.



Rita, enquanto vereadora

Sua partida foi tão abrupta e tão marcada pelos tempos sombrios que atravessávamos, que às vezes ainda me parece impossível acreditar que ela realmente se foi. Mesmo depois de cinco anos, a ferida permanece aberta. Não cicatrizou. Talvez porque existam pessoas cuja ausência jamais aprende a caber dentro da vida da gente.

Na verdade, durante todo esse tempo, nunca consegui me despedir de Rita. Pelo contrário: continuo a senti-la por perto, viva na memória e nos afetos, como se ainda estivesse logo ali ao lado, do outro lado da avenida, na beira do Rio Perequê, caminhando apressada de um canto a outro com seus tênis, calça jeans e camiseta, irradiando energia, simplicidade e coragem. Esse era o seu jeito de existir — uma mulher simples na aparência, mas imensa na força, na generosidade e na capacidade de acolher.

Remexer nesse baú de histórias é, inevitavelmente, mergulhar outra vez no luto. O coração acelera, a boca seca, e as palavras parecem insuficientes diante da dimensão da perda. Na tela do computador, entre frases escritas e apagadas, cortes, reescritas e silêncios, percebo o quanto ainda estou despreparado para atravessar esse trauma sem me despedaçar um pouco.

Porque Rita não ocupava apenas um espaço importante em minha vida. Eu a tinha como uma mãe!

***

Lembro-me com dolorosa nitidez daquela segunda-feira, 29 de março de 2021. O mundo já atravessava há mais de um ano o medo, a insegurança e o luto impostos pela pandemia. Vivíamos dias sufocados pela incerteza, contabilizando perdas diárias enquanto tentávamos, inutilmente, acreditar que a tragédia talvez não alcançasse tão perto nossos afetos mais profundos. Mas alcançou…

Perto do meio-dia, recebi a notícia de que Rita, aos 61 anos, havia se tornado uma entre as 314.268 vidas brasileiras interrompidas pela COVID-19 naquele primeiro ano da pandemia. Depois dela, outras centenas de milhares também seriam levadas, até que o país atingisse a devastadora marca de mais de 716 mil mortos.

Vidas foram transformadas em números. Histórias silenciadas. Rostos anônimos que, pouco a pouco, pareciam desaparecer da memória coletiva de um país que hoje parece contaminado não apenas por um vírus, mas também pela indiferença, pelo individualismo, pela soberba e pela incapacidade de lembrar sua própria dor. É impossível dimensionar o tamanho dessa tragédia.

E naquele mesmo dia, em meio ao silêncio cruel do isolamento social, despedimo-nos de Rita sem homenagens públicas, sem cerimônias grandiosas, sem os abraços que o luto exige. Chorávamos escondidos atrás das máscaras que tentavam proteger nossos corpos, mas eram incapazes de proteger nossos corações.

Eram tantos os “porquês” que me atravessavam a alma.

- Por que ela?
- Por que tanta demora pela vacina?
- Por que tanta negligência diante da morte?
- Por que um país inteiro precisou aprender a conviver com o abandono?

Após uma cerimônia reservada apenas aos familiares, seu corpo foi cremado. E, no fim daquela tarde cinzenta, enquanto pombos brancos cortavam o céu, parecia que o próprio tempo anunciava o encerramento de um ciclo profundamente humano e extraordinário.

Mas talvez não fosse um fim, isso porque a Rita que falamos jamais pertenceu às despedidas definitivas.

Como a Fênix com a qual tantas vezes se identificava, ela finalmente estava livre para alçar voo — majestosa, intensa e luminosa — cruzando os céus envolta nas chamas da eternidade, renascendo acima da dor, do silêncio e da própria morte.

******

Rita Carolina Werner Wollinger nasceu em Brusque, no dia 23 de junho de 1959, filha de Jaimer Werner e Araci Morelli Werner. Desde cedo, carregou consigo a força serena das mulheres que transformam cuidado em missão e afeto em compromisso de vida. Casou-se com Gerson Bertoldo José Wollinger, com quem construiu uma família alicerçada no amor e na cumplicidade, tornando-se mãe de Ana Carolina e Leonardo Bertoldo.

Mais tarde, a chegada do neto Théo inauguraria em Rita uma nova forma de felicidade. Nos últimos anos de sua vida, foi ao redor dele que seu coração passou a girar com mais intensidade. O amor de avó transformou-se em prioridade absoluta, quase como um reencontro com a simplicidade das coisas verdadeiramente essenciais. Em abril de 2019, ao justificar sua desfiliação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o consequente afastamento da vida política, confidenciou-me com a sinceridade que lhe era tão característica: *"Quero me preocupar somente com meu Théo mesmo."*

Naquela frase aparentemente simples existia muito mais do que uma despedida da política. Existia o desejo de viver os afetos sem urgência, de dedicar-se inteiramente àquilo que considerava mais precioso: a família.

Pedagoga por vocação e por essência, Rita construiu uma sólida formação acadêmica voltada à educação e à gestão escolar. Graduouse com habilitação em Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Disciplinas Pedagógicas pela Universidade de Joinville, então Associação Catarinense de Ensino. Complementou seus estudos em Administração Escolar pela FURB, em Blumenau, formou-se também em Administração de Empresas com ênfase em Administração de Pessoal pela Univille e especializou-se em Administração Escolar, Supervisão e Orientação Educacional pela Univali.

Mas, mais do que títulos acadêmicos, Rita possuía algo que não se aprende nas universidades: a capacidade rara de transformar educação em acolhimento humano.

Foi em 1989 que ela chegou a Itapema e iniciou sua trajetória no Colégio Estadual Anita Garibaldi, no bairro Meia Praia. Ali atuou como professora das séries iniciais, auxiliar de direção, responsável de turno e, posteriormente, orientadora educacional. E foi justamente dentro daqueles corredores escolares que Rita começou a deixar marcas profundas na vida de alunos, professores e famílias.

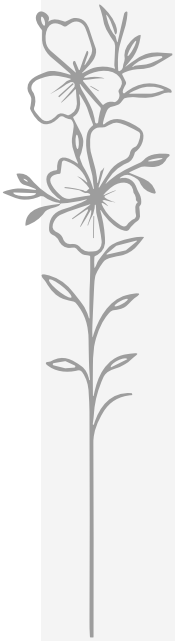
Seu amor pela educação nunca foi burocrático; era quase maternal. Educava com firmeza, mas também com sensibilidade. Corrigia sem humilhar. Acolhia sem fazer distinções. E foi essa dedicação cotidiana, silenciosa e genuína que fez com que seu trabalho ganhasse reconhecimento e respeito na comunidade escolar.

No final de 1996, após a eleição da professora Darcy Steil da Silva como vice-prefeita ao lado do advogado e ex-deputado Magnus Francisco Antunes Guimarães, Itapema viveria um momento histórico: pela primeira vez, um governo trabalhista e progressista assumiria a administração municipal. Em janeiro de 1997, Rita assumiu a Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Cultura e foi ali que nossos caminhos finalmente se cruzaram.

Naquele tempo, eu dava os primeiros passos no jornalismo, ainda como estagiário, enquanto Rita já carregava consigo a experiência, a liderança e a energia de quem acreditava profundamente no poder transformador da educação. Sem que eu imaginasse, aquele encontro se tornaria um dos vínculos humanos mais marcantes da minha vida.

***

Como estudante de jornalismo, dei meus primeiros passos profissionais como estagiário no extinto jornal ‘Mar Azul’ e, posteriormente, no jornal ‘O Atlântico’ e, mais adiante, no ‘Independente’. Foi nesse período que conheci Rita — e, desde então, jamais consegui me desprender dela. Algumas pessoas atravessam nossa vida de maneira passageira; outras, no entanto, tornam-se presença permanente em nossa história. Rita foi assim.



Em cada aniversário, data comemorativa ou acontecimento importante, ela encontrava uma forma de se fazer presente. Às vezes por meio de uma mensagem simples, noutras pela sua maneira calorosa de chegar perto da gente trazendo consigo aquela energia boa, intensa e quase contagiante que lhe era tão própria. Rita tinha a rara capacidade de ocupar os espaços não pela imposição, mas pelo afeto.

Como educadora, encontrava em Paulo Freire uma de suas maiores referências. Acreditava profundamente na educação como instrumento de transformação humana e social. E foi justamente à frente da Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Cultura de Itapema que seu nome passou a ganhar projeção pública e reconhecimento popular.

Mesmo contando com uma equipe pequena, Rita liderou projetos que deixaram marcas profundas no município. Na área da educação, implantou iniciativas inovadoras, entre elas o programa de Aceleração de Estudos, responsável por corrigir a defasagem idade-série de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Mais do que números, tratava-se de devolver dignidade, autoestima e novas oportunidades a crianças que já começavam a ser excluídas pelo próprio sistema educacional.

Outro grande compromisso de sua gestão foi garantir o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no que dizia respeito à formação docente. Rita incentivou professores a retornarem aos estudos para obter habilitação adequada, auxiliando-os inclusive com transporte e mensalidades. Ela compreendia que valorizar a educação começava, necessariamente, pela valorização dos educadores.

Na cultura, sua atuação também foi marcante. Criou grupos étnicos, implantou fanfarras escolares e contribuiu diretamente para o surgimento dos corais 'Vivaz 'e 'Vozes de Itapema'. Foi durante sua gestão que o município instituiu oficialmente seu hino e lançou o primeiro livro dedicado à história de Itapema. No esporte, incentivou a criação de diversas escolinhas em diferentes modalidades, oferecendo às crianças e aos jovens novas possibilidades de formação, convivência e cidadania.

Todo esse trabalho naturalmente projetou Rita para a vida política. Nas eleições de 2000, candidatou-se pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) a vereadora e foi eleita com 430 votos, tornando-se a quarta mais votada entre os dez parlamentares eleitos. Ao lado de Maria Luci da Silva (PP), entrou para a história do município como uma das primeiras mulheres eleitas para o Poder Legislativo de Itapema.

Entretanto, aquela vitória pessoal veio acompanhada de um cenário político adverso. O grupo político ao qual Rita pertencia foi derrotado nas eleições majoritárias, levando Clóvis José da Rocha (PFL) ao comando da prefeitura. Na Câmara, Rita passou a ocupar o difícil espaço da oposição. E, em um ambiente muitas vezes hostil às vozes femininas firmes e independentes, tornou-se uma presença constantemente combatida, silenciada e pressionada.

Mas Rita jamais aprendeu a se calar.

Como vereadora histórica, atuante e combativa, destacou-se por denunciar irregularidades e enfrentar estruturas de poder que muitos preferiam não confrontar. Tornou-se uma das principais vozes de oposição do município e, como tantos outros opositores — líderes comunitários, jornalistas e agentes políticos — sofreu perseguições e ataques constantes.

Ainda assim, sua coragem e atuação pública ultrapassaram os limites da cidade. Em 2003, recebeu na Assembleia Legislativa de Santa Catarina o prêmio de "Vereadora e Política Mais Atuante", concedido pela União dos Vereadores do Estado de Santa Catarina (UVESC). Era o reconhecimento de uma trajetória construída com coragem, trabalho e compromisso social.

Rita tinha todas as condições de alcançar voos ainda maiores na política. Contudo, as forças contrárias que enfrentava acabaram por interromper sua trajetória parlamentar nas eleições de 2004. Mesmo após anos de denúncias e enfrentamentos, viu seu opositor ser reeleito, enquanto ela não conseguiu votos suficientes para permanecer na Câmara Municipal. Talvez nenhuma derrota política tenha lhe causado tanta dor quanto essa.

Não pelo cargo em si, mas pela sensação amarga de não ver reconhecido todo o esforço, toda a dedicação e toda a luta que travara em favor da cidade e das pessoas em que acreditava. Fazer menos votos do que em sua primeira eleição tornou-se uma mágoa silenciosa que Rita carregou consigo — uma daquelas feridas invisíveis que apenas os corações profundamente comprometidos com suas causas conseguem sentir.

***

Em 2006, uma decisão da Justiça Eleitoral alterou profundamente os rumos políticos de Itapema ao cassar o mandato do então prefeito Clóvis José da Rocha. Com isso, assumiu a administração municipal o professor Sabino Bussanello, do Partido dos Trabalhadores (PT), segundo colocado nas eleições de 2004. A mudança redesenhou o cenário político da cidade e reacendeu, para muitos, a esperança de uma gestão mais comprometida com as causas populares e sociais.

Foi nesse contexto que, nas eleições de 2008, o PDT liderado por Rita decidiu apoiar a reeleição de Sabino Bussanello, que acabou reconduzido ao cargo com a aprovação de 52% do eleitorado. Durante esse segundo mandato, o partido passou a integrar oficialmente o governo municipal, e Rita retornou à administração pública assumindo a Secretaria de Assistência Social.

Ali, mais uma vez, revelou a mesma sensibilidade humana que sempre marcou sua trajetória. Rita não compreendia a política como espaço de privilégios ou vaidades pessoais, mas como instrumento de transformação social e acolhimento dos que mais precisavam. Sua atuação carregava firmeza, mas também compaixão — características raras em tempos cada vez mais duros e individualistas.

Mulher de coragem admirável e personalidade intensa, Rita entrou para a história como a primeira mulher a presidir o Partido Democrático Trabalhista (PDT) em Itapema. Sempre colocou sua militância a serviço da classe trabalhadora, defendendo com convicção aquilo em que acreditava, mesmo quando isso lhe custava desgaste, incompreensões e perseguições.

Contudo, após anos enfrentando as durezas e contradições da vida pública, Rita começou a demonstrar um profundo cansaço emocional diante da política local.

Em 2019, decepcionada e já distante do entusiasmo que um dia movera sua militância, decidiu afastar-se do partido e da vida pública. Em uma mensagem pessoal, resumiu com amargura a frustração acumulada ao longo de tantos anos de luta:

"Mulher [na política] só serve para carregar bandeira e entregar santinho." (Mensagem pessoal de 02 de abril de 2019).

Por trás daquela frase dura havia não apenas desencanto, mas também a dor silenciosa de uma mulher que dedicou parte da vida à política, acreditando que ela poderia ser instrumento de justiça, igualdade e transformação humana.

***

E, longe dos holofotes da vida pública, Rita seguiu seu caminho de maneira mais serena. Os filhos cresceram, casaram-se, e a chegada do primeiro neto trouxe a ela uma nova forma de felicidade — mais íntima, mais doce, mais silenciosa. Era como se, depois de tantos anos dedicados às causas coletivas, a vida finalmente lhe concedesse o direito de viver os pequenos milagres da família.

Mas então o mundo parou!

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente o estado de pandemia global provocado pela COVID-19. Isolamo-nos. Mudamos hábitos, rotinas, afetos. Aprendemos a conviver com o medo e, pior do que isso, tornamo-nos reféns da irresponsabilidade e do negacionismo de quem deveria proteger vidas.

Pelos telejornais, assistíamos estarrecidos às imagens de valas coletivas sendo abertas nos grandes centros urbanos, à espera de milhares de mortos. Embora aquelas cenas nos causassem horror, pareciam distantes demais da nossa realidade, quase impossíveis de alcançar nossas pequenas cidades, nossas famílias, nossos amigos.

Mas os dias passaram. Os meses avançaram. E, diante da ineficácia de um governo desastroso — que muitas vezes desinformava mais do que orientava e colocava a população contra a própria ciência — compreendemos, lentamente e com dor, que a morte já caminhava entre nós.

Toda semana chegava a notícia de mais uma perda. Um conhecido. Um amigo. Um familiar. A pandemia deixava de ser número e transformava-se em ausência. A morte nos rondava silenciosamente.

Foi nesse tempo de angústia e incertezas que, certa noite, Rita me enviou uma mensagem que até hoje guardo como um retrato fiel de sua humanidade sensível e inquieta:

"Só hoje li teu texto. Nem sei se entendi tudo o que escreveste, mas concordo que está totalmente certo. Quando esse povo vai acordar? Quanto mais terão que morrer por falta de tudo? Só Jesus na causa e acredito que Ele está muito cansado de tanta ignorância da tal 'elite brasileira'. Ah, parabéns! Muito boa reflexão. Te amo!" (Mensagem pessoal de 1º de agosto de 2020).

Rita era assim! Mesmo distante, encontrava maneiras de permanecer perto. Fazia-se presente nos pequenos gestos, nas mensagens inesperadas, no carinho espontâneo que distribuía sem cerimônia. Até hoje guardo em meu telefone muitas dessas recordações afetivas, como quem preserva relíquias de um tempo que jamais voltará.

Entre elas, encontro uma mensagem simples, mas profundamente carregada de afeto: "*Boa noite! Estou aqui assistindo o Crô para matar a saudade de ti. Ele é ótimo ator que consegue te interpretar.*" (Mensagem pessoal de 15 de setembro de 2020).

E talvez aí estivesse uma das faces mais bonitas de Rita: por trás da imagem firme da "Dona Rita", conhecida e respeitada por gerações de alunos, professores e servidores da Escola Anita Garibaldi, existia também uma mulher espirituosa, divertida, intensa e autenticamente humana. Tinha um humor afiado, uma sinceridade por vezes desconcertante e uma capacidade rara de amar sem máscaras.

Rita jamais soube ser superficial. E talvez seja justamente por isso que tenha se tornado inesquecível.

***

Quando a esperança da vacina contra a COVID-19 começava, enfim, a despontar no horizonte no início de 2021, a doença alcançou Rita, pouco tempo depois de já ter acometido seu esposo, Gerson. Foram dias de angústia, oração e espera. Em 26 de março, após complicações renais agravarem seu estado de saúde, Rita precisou ser colocada em posição pronada, numa tentativa delicada e desesperada de auxiliar sua respiração. Dois dias depois, um boletim médico positivo reacendeu em todos nós a esperança de vê-la retornar ao convívio daqueles que tanto a amavam. Parecia que, mais uma vez, sua força venceria.

Mas, na silenciosa madrugada do dia 29 de março, houve uma piora repentina. À 1h40min, Rita partiu.

Partiu sozinha, silenciosa, enquanto o mundo ainda permanecia mergulhado na penumbra daqueles tempos dolorosos.

Longe dos abraços, distante do calor dos amigos e familiares que o isolamento impedia de aproximar, a Fênix alçou seu derradeiro e mais sublime voo.

E voou em direção à sua própria Páscoa — a celebração que, como cristã fervorosa, mais amava no calendário litúrgico. Como a Fênix que tantas vezes dizia representar sua essência, Rita renasceu para a eternidade, majestosa, livre e envolta na luz daqueles que jamais serão esquecidos.

***

Diante da efemeridade da vida — tão brutalmente lembrada a nós no momento da partida de Rita — surge uma pergunta inevitável: por que elevá-la à condição de membro honorária da Academia Itapemense de Letras? O que leva uma instituição desta grandeza e simbolismo a conceder-lhe a imortalidade? A resposta está na própria história que Rita construiu.

- Está em tudo aquilo que ela realizou por Itapema e, sobretudo, na memória afetiva que espontaneamente permaneceu viva no coração de tantas pessoas reunidas nesta coletânea. Porque algumas existências ultrapassam o limite do tempo comum e passam a pertencer definitivamente à história de um povo.
- Rita escreveu o próprio nome na trajetória desta velha Tapera não com vaidades ou ambições pessoais, mas através do trabalho, da coragem, da educação, da cultura e do amor dedicado às pessoas.
- Porque, em 14 de setembro de 2000, quando a Academia Itapemense de Letras foi oficialmente instalada em Itapema, Rita estava presente. E dali em diante fez-se presença constante em nossas solenidades, encontros e celebrações, sempre participativa, afetuosa e profundamente respeitosa com esta agremiação cultural.

- Porque, paradoxalmente, embora tantas vezes convidada a integrar esta Academia, jamais se julgava merecedora de ocupar uma cadeira. Havia nela uma humildade rara — talvez excessiva — incapaz de reconhecer plenamente a dimensão de sua própria importância.
- E porque eu, não poderia permitir que sua memória se perdesse no esquecimento apressado de um tempo marcado pela superficialidade. Estando hoje na condição de presidente desta Academia, sinto não apenas a oportunidade, mas o dever moral e afetivo de impedir que o nome de Rita Carolina Werner Wollinger se dissolva na fragilidade da memória humana.

Há pessoas que passam pela vida. Outras permanecem. Rita permanece! Rita vive! Vive nas professoras e escolas que ajudou a transformar. Nas vozes que incentivou. Nas causas trabalhistas que defendeu. Nas pessoas que acolheu. Na história que ajudou a construir. E, sobretudo, no amor e na saudade daqueles que tiveram o privilégio de caminhar ao seu lado.

Por isso, hoje não fazemos apenas uma homenagem. Fazemos justiça à memória de uma mulher que, mesmo sem jamais buscar reconhecimento, tornou-se digna da eternidade.

***

Hoje, fazemos justiça escrevendo o seu nome da galeria dos membros honorários, figurando ao lado de Paschoal Apóstolo Pítsica, o saudoso presidente da Academia Catarinense de Letras (ACL), que, em 01 de setembro de 2000 deu posse aos membros fundadores da Academia Itapemense de Letras (AIL).

Hoje, ao inscrevermos o nome de **Rita Carolina Werner Wollinger** entre os membros honorários da Academia Itapemense de Letras, não estamos apenas prestando uma homenagem. Estamos testemunhando um renascimento. Porque existem pessoas cuja grandeza ultrapassa os limites da própria existência física. Pessoas que, mesmo depois da partida, permanecem iluminando caminhos, inspirando consciências e habitando eternamente a memória coletiva de um povo. Rita foi uma dessas raras almas.

A mulher simples, de voz firme e coração imenso, que dedicou sua vida à educação, à cultura, à justiça social e ao amor pelas pessoas, agora ressurge em outra dimensão: a da imortalidade. Eis que a Fênix renasce mais uma vez!

Renasce não das cinzas da dor, mas da grandeza de sua própria trajetória. Renasce nas páginas da história de Itapema. Renasce no reconhecimento daqueles que compreenderam a profundidade de sua contribuição humana, política e educacional. Renasce eternizada entre os guardiões da memória, da cultura e das letras desta cidade.

Se, naquela madrugada silenciosa de março de 2021, a Fênix alçou voo em direção à eternidade, hoje ela retorna majestosamente para ocupar o lugar que sempre lhe pertenceu: o da imortalidade acadêmica e afetiva.

Porque Rita jamais foi apenas uma mulher pública. Ela tornou-se símbolo! Tornou-se memória viva. Tornou-se permanência. E enquanto houver alguém para pronunciar o seu nome, recordar sua coragem, reviver sua generosidade e reconhecer sua luta, ela continuará existindo. Hoje, a **Academia Itapemense de Letras** não apenas recebe Rita. Hoje, a Academia se engrandece com sua presença eterna. A Fênix renasceu. E agora você, mesmo sem querer, voa para sempre entre os imortais...



Acima, em 2018, com Gerson e Rita. Abaixo, em 2012, com Léo, Ana e o genro Rafael.





ANDRÉ GOBBO é Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC (2020), e graduado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UNIVALI (1999). Possui especializações em História, Ensino e Pesquisa em Santa Catarina (2001) e em Ensino e Docência no Ensino Superior (2004), além de ser Mestre em Ciências da Educação (2010).

Entre 2015 e 2021, atuou como coordenador do Núcleo de Apoio Técnico e Pedagógico (NATEP) do Centro Universitário Avantis (UniAvan), instituição que o homenageou com o título de Professor Emérito em 2018. Em junho de 2021, assumiu o cargo de Reitor da UniAvan, função que desempenhou até outubro de 2022.

É autor dos livros Dom José Gomes: escudo dos oprimidos (2002), Passaporte para a história: Itapema e sua alma feminina (2009), A Quarta Revolução Industrial e seus impactos na Educação 4.0 (2022), além de diversos artigos e capítulos em obras coletivas.

Desde 2023, integra a equipe da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Santa Catarina (FETIESC), em Itapema.

Foi o primeiro presidente da Academia Itapemense de Letras (2000–2002) e voltou a ocupar o cargo em 2025-2026.



RITA & GERSON

Por Gerson José Wollinger



Casamento de Gerson e Rita, em 1987

Tudo teve seu início em 1986.

Eu trabalhava no Besc Centro de Joinville e fui designado para abrir um posto de serviço do Besc no bairro Vila Nova. Conheci a Rita quando fui ao Colégio Maestro Francisco Manoel da Silva me apresentar à diretorae informar que o banco teria um posto de serviços próximo à escola, facilitando a vida dos professores e funcionários.

Fui apresentado a algumas professoras que ali se encontravam, inclusive à Rita, que era orientadora educacional. A Rita vinha de vez em quando ao banco, sempre séria e sem dar muita chance para conversa, mas eu já nutria interesse por ela. Moça bonita, educada e muito inteligente.

Com o tempo, eu sempre arrumava uma desculpa para visitar os professores e deixava um chocolate em cima da mesa dela. Nisso entrou em cena a professora Maria Lenir, que acabou se tornando o cupido da nossa história. Aos poucos, o gelo foi se quebrando e nos tornamos amigos. O tempo passou e começamos a namorar.

Fui apresentado aos futuros sogros e à família dela, pessoas maravilhosas em todos os aspectos até hoje. Lembro bem de um sábado em que fomos para Balneário Camboriú, onde minha mãe tinha casa de veraneio, para apresentar a Rita à futura sogra. Em determinado momento, perguntei:

— Rita, queres casar comigo?

Ela respondeu que sim. Peguei um calendário e pedi para ela escolher a data. Então escolheu 05 de setembro de 1987.

Quando minha mãe voltou para a sala, falei:

— Mãe, estás convidada para um casamento no dia cinco de setembro deste ano.

Ela perguntou:

— Mas quem vai casar?

Respondi:

— Nós.

Minha mãe se assustou um pouco e disse que namorávamos havia pouco tempo, mas respondi:

— Estou com 29 anos e a Rita com 28. Já sabemos o que queremos da vida, e nossa tampa serviu certinho na panela.

Voltando para Joinville, comunicamos nossa decisão aos sogros, que ficaram muito felizes. Casamos pouco tempo depois. A cerimônia foi linda e a festa maravilhosa, organizada com muito carinho pela família dela em Brusque. Saímos em lua de mel e depois voltamos para Joinville, onde seguimos nossa vida.

Algum tempo depois, sofri um assalto no posto do Besc, e isso me deixou muito preocupado com a violência crescente em Joinville naquela época. Pouco depois, a Rita engravidou e fomos abençoados com uma menina linda: Ana Carolina, que nasceu no mesmo dia do aniversário da Rita, em 23 de junho de 1989.

Lembro daquele dia como se fosse hoje. Estávamos comemorando o aniversário dela em casa, com amigos e familiares, quando ela me chamou e disse:

— Me leva para a maternidade, pois está chegando a hora da nossa filha nascer.

Antes de sair, ainda falou para todos:

— Pessoal, fiquem à vontade, comam, bebam, divirtam-se, mas eu vou para a maternidade ter minha filha.

E assim nasceu nossa princesa Ana Carolina, um presente maravilhoso que Deus nos deu.

Conversando um dia com a Rita, falei sobre pedirmos transferência para Itapema, um lugar pequeno e tranquilo, onde poderíamos criar nossa filha com mais segurança. Ela aceitou de imediato. Conversamos com nossos pais e logo nossos pedidos de transferência foram aprovados.

Chegamos a Itapema em 1989. A Rita foi lotada no Colégio Anita Garibaldi como orientadora educacional, e eu fui trabalhar na agência do Besc de Itapema.

Com o passar do tempo, a Rita tornou-se uma grande liderança comunitária e passou a se envolver na política local. Sua primeira grande missão foi ampliar o número de salas de aula do Colégio Anita Garibaldi. Como o Estado negou recursos, a comunidade escolar se uniu. Pais, professores, empresários e a APP abraçaram a causa. Com muito trabalho, festas, rifas, doações e união da comunidade, foram construídas novas salas de aula, refeitório, rampas de acesso, cobertura da área esportiva e outras melhorias importantes para a escola.

Nesse meio-tempo, a Rita engravidou novamente. Agora viria um menino. Nossa alegria era imensa. E, em 07 de julho de 1991, nasceu nosso Leonardo Bertoldo, saudável e perfeito como a Ana quando nasceu.

Nossa felicidade estava completa.

Sempre fomos muito unidos como família. Curtimos muito nossos filhos, viajamos bastante e procuramos proporcionar o melhor estudo e os melhores valores para eles. A Rita era uma excelente cozinheira, adorava receber amigos e familiares em casa, especialmente nos finais de semana. Nossa casa sempre foi cheia de vida, alegria e pessoas queridas.

Em 1996, a Rita foi convidada pelo então prefeito Magnus Francisco Antunes Guimarães para assumir a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, função que desempenhou com enorme dedicação. Mais tarde, também ingressou na política partidária e foi eleita vereadora, integrando a primeira legislatura da Câmara de Vereadores de Itapema a ter mulheres.



Posteriormente, assumiu também a Secretaria do Bem-Estar Social de Itapema, sempre trabalhando com muito carinho e respeito pelas pessoas.

A Rita tinha um dom especial para ouvir e acolher. Muitos alunos procuravam nela conselhos e apoio, assim como muitos pais também faziam. Ela sempre tratava todos com humanidade, atenção e respeito.

Nossa vida juntos sempre foi marcada por muito trabalho, companheirismo e cumplicidade. Passamos dificuldades como qualquer família, mas sempre enfrentamos tudo juntos. Nunca tomávamos decisões importantes sozinhos. Sempre conversávamos e decidíamos lado a lado.

Não me lembro de termos brigado seriamente alguma vez. O segredo sempre foi o respeito, o amor e a capacidade de compreender o momento um do outro.

Deus ainda nos presenteou com dois netos maravilhosos, Theo e Mabel, filhos da Ana Carolina e do Rafael. A Rita viveu intensamente o amor de avó, especialmente com o Theo, com quem teve uma convivência muito especial.

Eu poderia escrever muitas páginas sobre nossa vida, os desafios enfrentados e os momentos felizes que construímos juntos. Mas, um dia, a figurante principal da nossa história precisou partir para cumprir outra missão junto de Deus.

Foram 35 anos de união que deixaram marcas profundas e lindas em minha alma e na alma dos nossos filhos.

A Rita faleceu em virtude da Covid-19, em 29 de março de 2021, deixando um vazio enorme em nossas vidas, vazio este que jamais poderá ser preenchido. Mas tenho certeza de que um dia estaremos juntos novamente para continuar nossa história.



GERSON JOSÉ WOLLINGER é bancário aposentado, pai de Ana Carolina e Leonardo, avô de Théo e Mabel e viúvo de Rita Carolina Werner Wollinger, com quem compartilhou 35 anos de vida, família e companheirismo.

ELA ERA CASA

Por Ana Carolina Werner Wollinger

Como falar daquela que, além de me dar a vida, me mostrou a forma como o mundo funciona e preencheu meus dias com presença, disponibilidade e um amor demonstrado das mais inúmeras maneiras? Tarefa fácil e, ao mesmo tempo, complicadíssima, porque sei que sempre vai faltar algo. E ela faz jus ao meu melhor, sempre fez.

Comecei minha vida dividindo com ela o dia do aniversário, porque, no dia em que ela fez trinta anos, eu cheguei.

Tive uma mãe muito presente. Mesmo trabalhando muito, ela encontrava formas de estar ali. Cresci vendo minha mãe fazendo ponto cruz para complementar a renda da casa, à noite, depois de passar o dia inteiro na escola. Quando não era o bordado, era o crochê. Com seis anos, eu já bordava também e adorava observar aqueles dedos rápidos formando pontos que depois viravam desenhos lindos nas barras das toalhas.

Os Natais sempre foram mágicos, mas a Páscoa era o coração dela. Minha mãe amava a Páscoa.

Fazia quaresma, geralmente abrindo mão da Coca-Cola, e, quando chegava o domingo de Páscoa, aquela garrafa de dois litros era praticamente um troféu pessoal. Tinha também o amendoim com açúcar, as cocadas, o pé de moleque e, mais recentemente, os ovos de colher. Minha mãe sempre fez tudo. E ainda bem. Porque, para ela, a graça estava no processo, na preparação, no cuidado. Ela só dizia não ter "o dom" da decoração, então recorria ao Léo, que sempre teve um senso artístico incrível.

E não bastasse tudo o que ela cozinhava — porque absolutamente todo mundo elogiava a comida dela —, quando os aniversários se aproximavam, começava a missão dos docinhos. Ela me mandava mensagem perguntando: "Mana, me ajuda a enrolar 600 docinhos pro aniversário?". E eu, obviamente, ajudava. Ela fazia a massa, enrolava, eu passava na cobertura e colocava nas forminhas. E assim foram milhares de docinhos ao longo dos anos.

Hoje percebo que aqueles momentos simples eram nossos. Enquanto enrolávamos brigadeiros, conversávamos sobre a vida, e eu observava minha mãe sem imaginar que um dia sentiria tanta falta dela.

A vida seguia, e eu cresci vendo minha mãe ocupar espaços. Primeiro na escola, depois na Secretaria de Educação, na Câmara de Vereadores e em tantos outros lugares onde ela deixou marca. E ali ela apanhou muito. Foram anos de luta, de enfrentamento, de denúncias, de desgaste e de coragem. Sofreu ameaças, precisou tirar a gente de Itapema para estudar em Balneário, numa tentativa de aliviar um pouco as coisas.

A grandeza dela foi proporcional a tudo o que precisou suportar, principalmente dentro da política, que foi muito ingrata com ela — ainda mais numa cidade como Itapema.

Mas, para mim, a magia sempre esteve no dividir.

Dividimos dias, livros, roupas, a paixão pela política, muito café e, depois de um tempo, dividi meu filho Théo também. Embora, na realidade, ele fosse mais dela do que meu.

Se ela já era extraordinária como mãe, como avó ela transcendeu. Viveu os primeiros passos dele, acompanhou terapias, buscou formas de estimular, descobrir o que ele aceitava comer, deixava ele pintar, bordar, bagunçar. Não sossegou enquanto não conseguimos fechar o diagnóstico dele. Minha mãe foi acima da média em tudo.

E talvez, porque tivesse esse excesso de amor dentro dela, acabou sendo mãe de muitos: dos alunos, das famílias, do pessoal da educação, da igreja, dos irmãos, sobrinhos, amigos. Sempre disponível. Sempre atenta aos gostos e preferências de cada um. Depois da partida da vó, ela virou ainda mais o elo que mantinha nossa família unida.

Até que chegou 2021.

Pandemia no auge. Primeiro eu testei positivo para Covid. Depois, meu pai, o Théo e ela.

Meu pai internou por comprometimento pulmonar. Minha mãe ficou em casa inicialmente, sendo cuidada por mim, com ajuda das minhas tias.

E eu tenho certeza de que já passei pelo inferno na Terra, porque vi minha mãe tentando respirar e não conseguindo. Vi o oxigênio acabar rápido enquanto tudo estava colapsado, e a sensação era de completo desamparo.

Ela internou no dia 15 de março. Durante quatorze dias, eu fazia boletins diários sobre o estado de saúde dela. As mensagens se espalhavam, e um movimento muito grande de oração começou. Pessoas de diferentes crenças intercedendo pela vida dela.

Até que, no dia 29 de março, meu telefone tocou às três da manhã. Era o hospital pedindo que fôssemos até lá.

Fomos eu, meu irmão e meu cunhado.

Esperamos o médico.

E então ele veio nos dizer que ela não havia resistido. Que tentaram reanimá-la por mais de uma hora.

Depois disso, ainda tivemos que reconhecer seu corpo e iniciar os trâmites para nos despedirmos do primeiro amor da minha vida.

A Covid levou minha mãe. Mas levou também a oportunidade de as pessoas se despedirem, de abraçarem, de prestarem homenagens. Então, não, nunca foi "só uma gripezinha". Foi negacionismo, irresponsabilidade e uma tragédia coletiva que matou mais de setecentos mil brasileiros.

A vida da minha mãe foi breve, mas intensa. Cheia de força, coragem e entrega. Ela foi exemplo de profissional, de mãe, de educadora, de política e, acima de tudo, de ser humano.

Não existe um dia em que eu não pense nela. Em que eu não lamente ela não ter conhecido a Mabel, porque tenho certeza de que ela teria enlouquecido com essa neta polaca debochada, que às vezes me lembra tanto ela. Ou não ter acompanhado a evolução do "bicho-pau" dela, o neto que ela tanto amou e que tanto a ama.

A vida perdeu a cor sem a minha mãe aqui.

Às vezes me olho no espelho e vejo ela. Minha voz está ficando parecida com a dela. Tenho tanto dela em mim que isso, às vezes, me assusta.

Volto às nossas conversas do WhatsApp para ouvir os áudios, porque tenho medo de esquecer sua voz. Volto para lembrar de um tempo em que eu tinha tudo sem saber.

Porque a pior parte da perda talvez seja essa: a consciência só chega depois.

Perder a mãe é perder um pedaço da alma. E ser mãe sem ter a sua mãe é uma dor que dilacera.

Mas, mesmo com tanta dor, eu tive sorte.

Sorte de ter tido, na minha mãe, tantos exemplos; de ter tido colo por trinta e um anos; de ter tido uma amiga.

E talvez seja por isso que a saudade dela doa tanto.

Porque ela não era só minha mãe.

Ela era casa.

E, desde que ela foi embora, uma parte de mim nunca mais encontrou o caminho de volta.





ANA CAROLINA WERNER WOLLINGER é advogada, filha de Rita Carolina Werner Wollinger e Gerson Jose Wollinger, mãe de Théo e Mabel e esposa de Rafael Motta Ferreira. Cresceu acompanhando de perto a atuação da mãe na educação e na política de Itapema, valores que marcaram profundamente sua formação pessoal e profissional.



PARA MIM, APENAS MINHA MÃE

Por Leonardo Bertoldo Werner Wollinger

Para muita gente, ela era **Rita Carolina Werner Wollinger.** Professora, orientadora educacional, vereadora, referência. Era o tipo de pessoa que atravessava a rua e precisava parar algumas vezes no caminho, porque sempre tinha alguém querendo conversar, agradecer, pedir conselho ou simplesmente dar um abraço. A cidade parecia conhecer minha mãe de um jeito quase íntimo. E talvez conhecesse mesmo.

Mas ninguém conhecia a mulher que eu conheci dentro de casa.

Ninguém via a mãe que acordava cedo demais, dormia tarde demais e, ainda assim, encontrava energia para satisfazer todas as nossas vontades. Ninguém via a canceriana menos canceriana do mundo, o cheiro doce do bolo fresco que parecia sempre existir para acompanhar um cafezinho ou o jeito como ela demonstrava amor sem precisar dizer “eu te amo” o tempo inteiro. Minha mãe cuidava servindo. E a gente se acostumou a que fosse assim. E como era bom.

Ela era uma mulher de presença silenciosa. Dessas que entram num lugar sem fazer barulho, mas mudam completamente a temperatura do ambiente. O abraço vinha pouco, é verdade. Ela economizava carinho físico como quem guarda roupa boa para ocasiões especiais. Ainda assim, até hoje escuto gente dizendo que ela tinha o melhor abraço do mundo. E eu acredito. Tem gente que abraça com os braços. Minha mãe abraçava fazendo a vida da gente caber melhor dentro do peito.

Ela sonhava com um mundo mais justo. Brigava pelas pessoas. Defendia quem precisava. Comprava dores que nem eram dela. Mas, curiosamente, também tinha um jeito resignado de aceitar as pancadas da vida. Quando algo dava errado, ela respirava fundo, levantava os ombros e dizia: “não era para ser”. Como se tentasse colocar um lençol limpo sobre o caos. Como se soubesse, lá no fundo, que a vida tem mania de arrancar da gente justamente aquilo que parecia impossível perder.

Hoje eu penso que talvez existissem despedidas escondidas dentro dessas frases.

Quando minha mãe morreu, o mundo não parou. E isso talvez tenha sido uma das coisas mais cruéis que já vivi. No outro dia, tinha gente indo trabalhar, mercado abrindo, buzina na rua, cachorro latindo, conta chegando. O relógio continuava fazendo tic-tac como se nada tivesse acontecido. Era o período mais sombrio que nós vivíamos como sociedade, e eu queria gritar: “vocês não estão entendendo, a minha mãe morreu”. Como é que o mundo continua girando quando o centro da vida da gente desaparece?

Porque mãe é eixo. E, quando o eixo quebra, tudo continua de pé, meio torto.

Inveja eu tenho de quem ainda tem mãe viva. E digo isso sem nenhuma vergonha. Tenho inveja de quem ainda pode mandar um áudio bobo no meio da tarde, pedir receita, reclamar da vida, ouvir um “se cuida” antes de desligar o telefone. Porque a saudade da mãe não mora só nas grandes datas. Ela se esconde nas coisas pequenas. No almoço de domingo. Na mensagem que você quase manda sem pensar. Na vontade de contar uma notícia que mais ninguém vai comemorar do mesmo jeito.

Tem dias em que a ausência dela faz um silêncio tão alto que parece barulho.

E o pior é perceber que a memória também vai cansando. O tempo é cruel porque, além de levar embora, começa, devagarinho, a apagar o que fica. Primeiro, a gente esquece o cheiro exato. Depois, a voz começa a falhar na lembrança. A risada já não toca tão nítida dentro da cabeça. É como tentar segurar água nas mãos. Quanto mais força se faz, mais escapa pelos dedos.

Às vezes, eu olho para as poucas fotos que temos juntos e sinto uma culpa funda, daquelas que chegam mansas, mas esmagam. Eu devia ter tirado mais fotos. Devia ter gravado mais vídeos. Devia ter prestado atenção em detalhes bobos, porque, no fim, são eles que salvam a gente. A forma como ela mexia a panela. O barulho da chave abrindo a porta. O jeito como chamava meu nome.

A convivência engana muito a gente. Faz parecer que sempre vai existir outro almoço, outro domingo, outra conversa.

E aí sobram perguntas que nunca mais vão ser respondidas.



Qual era o maior sonho dela? O que ela ainda queria viver? Do que ela tinha medo? O que a fazia chorar escondido? Será que eu conhecia minha mãe o suficiente ou passei tempo demais acreditando que ainda haveria tempo?

No meio dos áudios antigos, dos pedidos de receita, das conversas simples do cotidiano, eu fico procurando migalhas dela. Como quem tenta montar uma pessoa inteira através dos restos de voz que ficaram num celular.

Já pedi sinal. Já pedi sonho. Já pedi qualquer coisa que diminuísse essa distância absurda entre quem vai e quem fica. Mas acho que não devo esperar que uma mulher tão discreta faça barulho depois do silêncio.

E, mesmo assim, ela continua aparecendo.

Aparece quando alguém me conta que minha mãe mudou sua vida. Quando dizem que ela acolheu, incentivou, aconselhou, salvou alguém num momento difícil. Hoje eu escuto essas histórias como quem recebe presentes embrulhados pela saudade. Durante muito tempo, achei que ela estava ausente porque trabalhava demais, porque a cidade exigia demais dela. Só depois entendi que, enquanto faltava um pouco em casa, ela estava sendo presença na vida de muita gente.

E que presença.

Tem pessoas que passam pelo mundo como quem atravessa um corredor escuro. Minha mãe, não. Ela deixava as luzes acesas por onde passava.

Talvez por isso ainda exista tanto dela em todo canto. No jeito como eu cuido das pessoas. Na forma como me preocupo demais. No abraço que alguns dizem ser parecido com o dela. No riso frouxo

que me escapa quando lembro de alguma resposta atravessada que ela daria numa conversa. Sou feito de um bocado da minha mãe, mesmo quando a saudade tenta me convencer do contrário.

O mais louco é pensar que eu nunca tinha escrito sobre ela.

Fora os cartões de Dia das Mães da escola, a gente nunca foi muito bom em falar sobre sentimento. O amor existia mais nas entrelinhas da rotina do que nas palavras. Ela fazia café. Eu pedia receita. Ela perguntava se a viagem tinha sido tranquila. Eu levava uma marmita embora. Era assim que a gente dizia “eu amo você”.

E talvez ela soubesse.

Gosto de acreditar que sabia.

Agora essa carta existe dentro de um livro. Um livro sobre uma mulher que jamais imaginaria virar livro. E existe algo bonito nisso. A pessoa mais discreta que eu conheci agora vai permanecer impressa no tempo. Vai emprestar nome para escola, para memória, para as histórias de uma cidade inteira. E que bom. Porque ela merecia ser lembrada do tamanho que foi.

Gigante.

Gigantes eram os ideais dela. Gigante era a forma como fazia os outros se sentirem importantes. Gigante era esse coração escondido atrás de tanta discrição.

Queria que ela não tivesse levado tanto quando partiu. Mas também é verdade que muito ficou. Ficou no jeito como olho para o mundo. Ficou na saudade que me acompanha até nos dias felizes. Ficou no cuidadoque eu vejo a minha irmã ter com os próprios filhos. Ficou no amor.

Num mundo que perdeu um pouco da cor depois que ela se foi, eu ainda peço sua bênção todas as noites antes de dormir. E talvez amar alguém que morreu seja isso: aprender a conviver com uma presença invisível que continua sustentando tudo ao redor.

Hoje eu penso que eu deveria ter complicado menos e me importado menos com problemas pequenos. Mas sei que, enquanto eu andar distraído, o acaso que vai me proteger tem nome.

Para muitos, Rita.
Para outros, a primeira mulher de tantos feitos nesta cidade.
Para mim, apenas minha mãe.



LEONARDO BERTOLDO WERNER WOLLINGER, natural de Brusque, é graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Itajaí e bacharel em Comunicação Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Com mais de 15 anos de experiência no mercado da comunicação, atua especialmente na área criativa, com expertise em criação publicitária, cultura organizacional, comunicação interna, marca empregadora e engajamento. Também participa como jurado em premiações nacionais e internacionais da área de comunicação. Atualmente, é Diretor de Criação e Conteúdo na Clima Comunicação, uma das maiores agências brasileiras do setor, com sede em Curitiba, cidade onde reside desde 2015.

RITA: IRMÃE

Por Raviane Cristina Werner

Vou deixar para que as pessoas que conviveram com a Rita professora, orientadora, diretora, secretária de educação, vereadora e tantas outras missões que ela exerceu com excelência falem a respeito. Apresento aqui a Rita família. Como boa canceriana que era (nascida em 23/06/1959), a maior de suas qualidades era reunir e agradar aos familiares.



Rita e Raviane

Como filha, tinha verdadeira adoração pelo pai, Jaimer, que foi certamente sua maior inspiração, principalmente no papel político. Com relação à mãe, Dona Araci, demonstrava absoluto respeito e uma postura de obediência. Não me lembro de vê-la desagradar à mãe; pelo menos diante dela, Rita fazia tudo do jeito que a mãe queria.



Como mãe, era a mistura de coruja e leoa: mimava e defendia os filhos contra tudo e todos. Não queria que eles passassem pelas dificuldades e restrições que ela própria enfrentou na infância e juventude, então sempre lhes dava tudo o que podia, dentro de suas condições.

Como irmã, Rita sempre foi a conciliadora e conselheira da família, sempre empenhada em mantê-la unida. Um de seus maiores talentos era a culinária: tinha um dom raro para a cozinha, tanto nos pratos salgados quanto nos doces. Sua mesa era sempre sinônimo de fartura, tanto pela abundância quanto pela qualidade; faltar comida era algo impensável. E havia de tudo em sua cozinha: camarão à grega, bobó de camarão, caldeirada de frutos do mar, mignon ao molho madeira, polenta com galinha. Até sua canja parecia insuperável (ainda bem que minha mãe não vai ler isso). Nos doces, então, seu talento se revelava de forma ainda mais especial: a inesquecível torta de rosca de chocolate, minha preferida entre todas, além de inúmeras sobremesas, bolachas e quitutes. Não por acaso, era também a doceira oficial das festas de família, responsável pelos brigadeiros, casadinhos e cajuzinhos que marcavam cada celebração.

Mas, para mim, Raviane, ela nunca foi apenas irmã. A Rita era minha 'irmãe'. E talvez isso explique muita coisa. Entre nós havia dezenove anos de diferença: ela era a filha mais velha; eu, a caçula da casa. Durante muito tempo, carreguei comigo uma suspeita quase infantil, mas sinceramente possível aos meus olhos, de que ela fosse, na verdade, minha mãe. A diferença de idade, o fato de nossa mãe já ter 43 anos quando eu nasci… tudo parecia alimentar essa teoria silenciosa que eu criava sozinho. Pensava: vai que esconderam a gravidez, a mãe assumiu a criança e esse virou um daqueles segredos de família que todo mundo sabe, mas ninguém conta. E, sinceramente, se existir alguma hora apropriada para revelarem isso, talvez seja agora.

Mas a verdade é que esse pensamento dizia menos sobre um segredo e mais sobre o tamanho do cuidado que ela teve comigo a vida inteira. Rita ocupava um lugar que ultrapassava o vínculo de irmã: havia nela algo de proteção, zelo e presença materna. Era quem aconselhava, cuidava, chamava atenção, acolhia e, de algum modo, ajudava a sustentar emocionalmente a casa. Por isso, 'irmãe' nunca foi brincadeira; era a forma mais honesta que encontrei de nomear o amor que recebi dela.

Os períodos em que estivemos mais próximas confirmam esse papel dela de 'irmãe' para mim, divididos em dois momentos da minha vida: primeiro, quando eu era criança e dividíamos a mesma casa, até meus 9 anos de idade; e o segundo, quando me tornei mãe, coincidindo com a época em que Rita se aposentou. Logo depois veio a morte da nossa mãe, e ela assumiu o papel de avó dos meninos.

Na infância, pelas lembranças que guardo e pelas fotografias espalhadas pela casa, era ela quem organizava minhas festas de aniversário e quem quase sempre me carregava no colo. Há algo de profundamente afetivo nessas memórias, como se sua presença acompanhasse cada pedaço da minha infância. Quando começou a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro, passou a me mimar ainda mais. E, verdade seja dita, porque nem o amor é feito apenas de perfeições, se precisei lutar contra a obesidade em parte da minha vida, uma parcela da culpa certamente vinha das 'besteiras' que ela trazia para mim todos os dias, quando eu chegava da escola: salgadinhos, chocolates, balas e, claro, Coca-Cola. Um vício quase ritualístico da Rita, sempre servida com bastante gelo.

Depois, quando voltamos para Brusque, a vida começou a nos levar por caminhos diferentes. Rita permaneceu em Joinville, casou-se, teve os filhos e, mais tarde, mudou-se para Itapema. Enquanto isso, eu vivia minha adolescência, fui estudar em Florianópolis e depois comecei a trabalhar, tentando descobrir meu próprio lugar no mundo.

Claro, continuávamos nos encontrando: compartilhávamos a mesa, as conversas, os afetos familiares. Sempre houve muito carinho entre nós duas, um amor silencioso e permanente. Mas, apesar disso, já não existia a mesma proximidade cotidiana de antes.

A vida, aos poucos, havia transformado aquela convivência intensa da infância em encontros espaçados, marcados mais pela memória do vínculo do que pela presença constante. Ainda assim, bastava estarmos juntas para perceber que algo permanecia intacto.

Essa convivência, apoio e suporte se fortaleceram quando me tornei mãe. Ela, com tempo disponível por estar aposentada e com os filhos já vivendo suas próprias vidas, veio me dar suporte primeiro com o Légolas e depois com os gêmeos Logan e Leônidas. Nessa época, praticamente se mudou para minha casa. Eu, com três bebês, e nossa mãe faleceu quando os meninos tinham apenas 45 dias. Foi aí que Rita assumiu o papel de avó deles.

Com Rita não tinha tempo ruim. Ela estava sempre disponível e tinha uma energia invejável. Era de uma praticidade admirável para resolver as coisas, tanto em casa quanto nas burocracias da vida.

Depois, mesmo quando me mudei para Itapema, ela continuou sendo meu porto seguro e parceira. Era difícil passar um dia sem que nos víssemos ou nos falássemos. Quando percebia meu estresse e cansaço, ia lá, pegava os três e os levava para a casa dela, para que eu pudesse descansar. E, como eu também sabia abusar da boa vontade dela, bastava surgir uma viagem, uma saída ou qualquer compromisso para eu logo escalá-la para ficar com os meninos.

Com ela também não existia disse-me-disse. Assumia minha casa como se fosse dela. Se não gostava de alguma coisa ou achava que estava faltando algo, ia lá e arrumava do jeito dela, sem nem saber se eu queria ou não. Mas eu entendia que aquele era o modo dela de amar.

Rita não era uma pessoa carinhosa conosco, apenas com os meninos. Não era de fazer carinho ou dizer palavras amorosas. A forma de amor dela era o serviço — e esse ela desempenhava com maestria.



Rita com Logan e Leônidas

No fim das contas, percebo que algumas pessoas atravessam nossa vida de maneira tão profunda que deixam marcas impossíveis de medir apenas pela convivência cotidiana. Rita sempre foi uma dessas presenças. Mesmo nos períodos de distância, existia algo que permanecia intacto: a sensação de pertencimento, de abrigo, de reconhecer nela uma parte importante daquilo que eu sou. Há afetos que o tempo reorganiza, mas nunca diminui.

Hoje, quando revisito essas lembranças, entendo que muito da minha memória afetiva passa inevitavelmente por ela: pela mesa farta, pelas festas, pelos exageros carinhosos, pelas conversas,

pelos gestos de cuidado e até pelas ausências que a vida impôs. Talvez amar alguém da família seja exatamente isso: carregar a pessoa dentro da própria história, mesmo quando os anos mudam as distâncias, as rotinas e os caminhos.





RAVIANE CRISTINA WERNER é Irmã caçula da Rita Carolina, mãe do Légolas, Logan e Leônidas. É engenheira civil, trabalha na prefeitura de Itapema e é professora universitária.

UMA LIDERANÇA QUE TRANSFORMOU CAMINHOS

Por Ilda Helena Cezar

Em 1998, aposentada como professora do Estado de Santa Catarina, fixei residência em Itapema. Desacreditada do meu potencial e triste por estar sem trabalho em uma cidade desconhecida, tive a oportunidade de prestar concurso para atuar no município. Aprovada, passei a trabalhar como supervisora escolar em uma escola municipal.

Era meu primeiro ano nessa função. No ano seguinte, fui surpreendida e agraciada com um convite da então Secretária de Educação, Rita Carolina Werner Wollinger, para assumir um cargo que, mal sabia eu, mudaria minha vida de forma valorosa e surpreendente.

Passei a trabalhar e a conhecer mais de perto essa pessoa extraordinária, a mulher sobre quem passo a relatar.

Rita **Carolina Werner Wollinger** foi muito mais do que uma profissional exemplar — foi uma referência de humanidade, dedicação e transformação social. Sua atuação profissional deixou marcas profundas. Ela não apenas cumpria suas funções, mas ia além, buscando melhorar a vida das pessoas ao seu redor. Seu olhar atento e sensível fazia com que todos se sentissem acolhidos e valorizados, algo raro e extremamente necessário. Para ela, sua equipe era seu alicerce, e depositava confiança em cada integrante.

Rita exerceu seu papel com liderança firme, sensível, comprometida e ética, tornando sua atuação um verdadeiro divisor de águas para a educação do município de Itapema.

Tive o privilégio de aprender com ela, observando sua postura, sua responsabilidade e sua paixão pelo que fazia. Sua forma de enfrentar desafios e de nunca desistir diante das dificuldades influenciou diretamente a maneira como enxergo minha própria trajetória profissional, fortalecendo minha confiança.

Para ela, não existia o impossível, mas sim: “vamos fazer, vamos melhorar, vamos tentar”. “Tudo posso naquele que me fortalece”, dizia ela.

Rita tinha a rara capacidade de enxergar potencial nas pessoas e de incentivá-las a crescer com responsabilidade, autonomia e propósito. Sua liderança inspirava, motivava e criava um ambiente em que o trabalho ganhava sentido. Seu compromisso com a educação e a cultura era profundamente humano, sempre pautado no respeito, na escuta e na valorização de cada indivíduo, participando efetivamente da vida social e profissional de todos.

Candidatou-se a vereadora e foi eleita após atuar como secretária, trazendo consigo experiência na gestão pública e propostas bem estruturadas. No entanto, sua atuação na Câmara foi limitada, já que fazia parte de um grupo político minoritário na época. Mesmo com pouca autonomia, destacou-se pelas ideias consistentes e voltadas ao interesse da população. Muitas de suas propostas, embora relevantes, não avançaram devido à falta de apoio político, o que evidencia como o contexto da Câmara influencia diretamente na capacidade de ação de seus integrantes.

Nem por isso Rita se deixou abalar; continuava sempre defendendo seus ideais e jamais se calava.

Há cinco anos, sua partida, em decorrência da COVID-19, deixou uma ausência irreparável. O município perdeu uma líder visionária e comprometida, e eu perdi uma referência que levarei comigo para sempre. Sua ausência ainda é sentida, mas seu legado permanece vivo — nas políticas que ajudou a construir, nas mudanças que promoveu e nas inúmeras vidas que impactou.

Assim como a Fênix, símbolo ao qual ela costumava se comparar, Rita continua presente na memória, no exemplo e na inspiração. Sua história não se encerra com sua partida; ela se perpetua em cada pessoa tocada por sua trajetória e em cada profissional que, como eu, segue guiado pelos valores que ela transmitiu.

Mais do que saudade, fica a gratidão. Gratidão por ter cruzado meu caminho, por ter acreditado em mim e por ter contribuído de forma tão significativa para minha vida e para a educação do município. Honrar sua memória é, acima de tudo, continuar acreditando no poder transformador da educação — assim como ela sempre acreditou.

Saudades eternas, **Rita Carolina Werner Wollinger**.





ILDA HELENA CEZAR nasceu em Descanso, no dia 14 de setembro de 1948. Graduou-se em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas (PR), atuando como Professora Estadual dos Anos Iniciais por 28 anos.

Especializou-se em Fundamentos da Educação pela UNOESC, campus de São Miguel do Oeste. Também é especialista na modalidade "Mercado de Trabalho", em Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional, pela Universidade do Vale do Itajaí.

Em 1998, ingressou como supervisora escolar na rede municipal de ensino de Itapema, por meio de concurso público, permanecendo na função até setembro de 2023.

Em 1999, atuou na Secretaria Municipal de Educação no cargo de Diretora de Ensino por dois anos. Também foi diretora da Escola Municipal Bento Elói Garcia nos anos de 2010 e 2011.

Presidiu a Academia Itapemense de Letras entre 2006 e 2008 e, atualmente aposentada, ocupa o cargo de vice-presidente da instituição.



A CULPADA

Por Ana Cláudia Duarte dos Santos

Às vezes, a gente se pergunta o porquê de não falarmos mais às pessoas que importam de verdade em nossa vida o valor que elas têm. Esse não foi meu caso, não neste aqui. Sempre que possível, para quem quer que fosse e para ela própria, quando o assunto era **Rita Carolina**, era impossível não falar: a culpada!

Sim. A culpada de eu trabalhar até hoje em Itapema e de ter aprendido cedo com ela valores no trabalho e para a vida, que ela exercia como ninguém: ética e justiça.



O ano era 1998 e, escrevendo isso agora, vejo-me lá, com meus 25 anos. É tão engraçado como o tempo passa, mas as memórias nos levam exatamente para os lugares do passado em segundos... E, na minha cabeça, não vi esses anos passarem.

Conheci Rita antes disso, em 1997, nas reuniões de secretariado, nas quais eu acompanhava a secretária de Bombinhas. Confesso que a primeira impressão que tive foi: “Essa deve ser braba”... Não era. Era firme, segura, mas também sensível, humana, justa, sincera e corajosa.

Conversávamos sobre tudo. Falava-me muito sobre os filhos, suas angústias na maternidade que, quando virei mãe, muito tempo depois, entendi. Tínhamos a mesma opinião sobre moda kkk (querem saber? A roupa tem que estar a nosso favor, e não o contrário...). Falávamos do casamento, que difícil missão para a espécie humana. Rita não me conhecia quando me convidou para trabalhar.

Naquela época, não tínhamos WhatsApp nem celular, e as relações eram feitas de carne e osso. Não corríamos o risco de sermos interpretados erroneamente nas mensagens. Tínhamos conversas.

Fiquei desempregada no final de 1997 e Rita soube. Ela só tinha me visto uma vez e, sinceramente, não sei o que ela viu... até hoje procuro. Talvez, para ela — não sei ao certo, pois nunca perguntei —, eu fosse apenas alguém que preenchia os critérios adequados para a vaga, mas, para mim, foi o começo do que sou como profissional hoje em Itapema.

Então, lá fui eu. Ela foi franca sobre a escola onde eu iria trabalhar, foi objetiva, clara. Essa clareza e segurança sobre o saber fazer, que falta em muitos gestores hoje em dia. Era uma Itapema menor, mas com desafios imensos.

Lembro que o que me impressionou, quando fui à Secretaria de Educação pela primeira vez, foi a alegria das pessoas que trabalhavam lá. Todos sorriam, tratavam-se muito bem, não parecia haver ninguém exausto, ninguém sobrecarregado.

Fui atendida pelo Marquinhos (iríamos viver juntos, depois, a aventura de tirarmos a carteira de motorista — nunca usei a minha) e, por já ter trabalhado em serviço público, tenho certeza de que, quando entrei na sala da Rita, eles devem ter tecido comentários.

Voltei muitas vezes àquela sala. Algumas vezes para ela me propor desafios maiores que nem eu sabia que daria conta; outras, para simplesmente conversar, saber se estava tudo bem.

No dia em que ela contou que iria se lançar na vida política, sentime tão representada e tive certeza de que ainda existe gente boa querendo melhorar a sociedade.

Eu sempre a admirei tanto. Sempre com aquele sorriso sincero ao me ver. Sinto falta. Sinto falta de devanear sobre os rumos da educação, sobre a vida dos filhos, sobre qualquer coisa.

Ao me trazer para Itapema, não só me deu emprego, mas me proporcionou uma vivência gigantesca dentro da Educação. Rita me deu asas, mas também me deu espaço para pousar quando eu estava cansada.

Não fomos aquelas amigas de uma ir à casa da outra, de trocar receitas, de sair juntas. Nossa amizade era daquelas que não têm tempo, não têm distância; têm a confiança de que: “Se precisar, quebre o vidro”.

Eu precisei. Ela não.

Quebrei o vidro uma vez e, mesmo ela não estando à frente da Secretaria, mostrou novamente o quanto confiava em mim. Resgatou, na época, a função da qual amo e, para falar a verdade, até hoje me questiono o porquê de eu não ter seguido nela.

Por que quebrei o vidro uma vez? Quando digo que Rita me ensinou questões fundamentais sobre ética e respeito no trabalho, não menti.

Quando lhe contei o que eu estava vivenciando, o quanto eu estava desconfortável com a situação e que iria buscar outros horizontes, Rita me fez pensar antes de agir, controlar aquele impulso que a gente, por vezes, não controla.

Por intermédio da Rita, em parceria com Dona Leda, tornei-me professora do Leonardo. Não foi por muito tempo, mas foi, dentro de toda a minha prática profissional, um dos melhores fazeres da minha vida.

Imagina eu, professora do filho da Rita? Olha a responsabilidade.

Aliás, ela sempre me ofereceu as melhores oportunidades. Quem, senão ela, criaria uma escola para as crianças com dificuldades terem a oportunidade de avançar nos estudos e, ainda, de frente para o mar?

Mas a habilidade maior dela era promover encontros. Garanto que toda pessoa que a conhecia carrega para a vida um amigo que foi ela quem apresentou. No meu caso, a Ilda.

Obrigada, Rita, mais uma vez: culpada.

São tantas coisas em mim que são culpa dela! Mais uma vez, mesmo ela não estando aqui, está promovendo outro encontro. Revisitar nossa amizade me faz olhar para mim, para minha história profissional. Faz-me voltar a escrever. Faz-me, neste ato, reviver o silêncio que ficou em mim no dia de sua partida.

A finitude.

Como é difícil ainda compreendermos os vazios que ela nos traz.

Tenho um amigo que escreve sobre isso e brinca com as palavras:

A VIDA E A MORTE
A VIDA E AMOR TE
(Gustavo Tanus)

Ele explica que, entre a vida e a morte, está o amor. Que é isso que fica, sempre.

Eu te desculpo, Rita, e te agradeço por esses teus atos involuntários de fazer bem aos outros.



ANA CLÁUDIA DUARTE DOS SANTOS, é formada em Psicologia pela Univali (1994), pósgraduada em Psicopedagogia, Alfabetização, cursando atualmente especialização em Psicologia Esportiva. Atua , na Prefeitura Municipal de Itapema desde 1998, tendo trabalhado anteriormente nas Prefeituras de Bombinhas (1996/97) e de Porto Belo (1995/1996) sendo responsável nesta última pela autoria do Livro Didático 'Nosso Porto é mais Belo'.

Na Prefeitura de Itapema coordenou o Projeto Acelera Brasil, a Educação Infantil e desenvolveu vários Projetos sendo os mais conhecidos: Projeto C.A.S.A (Centro de atendimento a Saúde do Aluno); U.A.C.I Serelepe (Unidade de atendimento clínico Infantil Serelepe) e o CIEI Doce Cuidar, todos com foco no atendimento de crianças e adolescentes.

CARTA PARA RITA!

Por Jacinta Bet



Rita, minha amiga!

Você foi uma pessoa que me ajudou muito com conversas e roupas para minhas meninas. Mulher com carisma próprio para atuar como: filha, irmã, esposa, mãe, avó.

Rita, sinônimo de garra, de luta, de persistência. Prestou um valoroso serviço à Educação Estadual como Educadora. E, como vereadora, prestou vários serviços ao município de Itapema (SC).

Visitei a Rita poucas vezes em sua residência. Mas, a vida corrida e as obrigações diárias que todos nós temos, fazer amigos e conservá-los torna-se um pouco difícil e o tempo muitas vezes não colabora, porém, tudo depende das nossas escolhas e prioridades.

Dentre muitas lembranças, a que me deixa emocionada cada vez que recordo, foi o encontro com a Rita.

Numa manhã, decidi visitá-la e levar uma flor. Assim o fiz. Chamei a Professora Marli para ir comigo. Saímos, fomos comprar uma flor e fomos até a residência dela. Quando chegamos ela não estava em casa, mas logo chegou.

Quando a vi, claro que eu gritei como sempre: Rita, essa simples flor, é para você, por todos esses anos em que você tem me ajudado. Este abraço e essa flor é uma forma de externar minha gratidão para com você!

Nos despedimos com aquele abraço! Claro, não sabíamos e nem poderíamos imaginar que seria o último que daríamos das nossas vidas, aqui na terra. Foi um momento, cheio de emoção! Inesquecível! Ela não esperava e eu não sabia que seria um ADEUS.

Foi um encontro tão marcante, que quando lembro, me emociono e fico sem acreditar. Naquele dia observei que ela estava cansada e preocupada.

Rita, mulher inteligente, prestativa, criativa e sonhava com um mundo melhor, demostrava carinho e muito cuidado com a família, com a Educação. Desejava e lutava por uma sociedade com mais igualdade, mais justiça social, porém, vivia muito solitária no seu EU.

Rita, mulher altruísta! Nunca mais a veremos! Obrigada, pelo tempo, que passou aqui, nessa Terra dos mortais de onde estiver olhe por nós! Quero que esse reconhecimento seja para ti uma homenagem.

Essas lembranças, ultimamente, fizeram com que eu refletisse sobre como a vida é breve, mas as lembranças boas das pessoas que passaram pela nossa vida, permanecem.

E, diante dessa perspectiva tomei a decisão de visitar vários colegas e amigos, porém, quando não for possível encontros presenciais, farei através de telefonemas. Não é só saudade, mas há o propósito de poder agradece aqueles que muito me ajudaram em minha caminhada ao longo desses anos.

Atualmente, para uma grande maioria deles, não poderei mais agradecê-los, porque já passaram para o plano espiritual. No entanto, sou muito grata por ter compartilhado com eles: presenças, palavras ou telefonemas.

No entanto, precisamos ter consciência que: “Para tudo há um tempo aqui na terra:

... tempo para nascer e tempo para morrer;
... tempo para abraçar e tempo para afastar-se”. (Eclesiastes, 3).

Precisamos viver plenamente o hoje, porque o amanhã é incerto e traiçoeiro para os distraídos e atraídos só com as coisas desse mundo.

Perene é só no plano da eternidade, onde está nossa RITA! Nós te amaremos por todo o sempre!

Com saudade e carinho,



JACINTA BET, nasceu em 27 de agosto de 1944. Residente e domiciliada em Itapema. Professora Estadual de Santa Catarina. Bacharel em Línguas: Portuguesa/Inglesa e Espanhola. Acumula 33 anos de trabalho na área da educação. Atualmente é aposentada.

RITA CAROLINA

Por Maria Ledir Santos de Abreu

Em março de 1989, chegou à nossa amada Escola Anita Garibaldi, vinda por transferência da cidade de Brusque, nossa sempre lembrada orientadora educacional, Rita Carolina Werner Wollinger.

Inicialmente, assumiu uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental, mas logo ocupou seu espaço com dedicação e competência. Dinâmica, inteligente e extremamente comprometida com a educação, provocou, a princípio, algum desconforto em quem já fazia parte da escola. Estávamos iniciando a Escola de Educação Básica Anita Garibaldi e pouco conhecimento tínhamos sobre toda a sua organização. Rita muito contribuiu para o desenvolvimento da escola.

Possuía uma memória invejável e sabia o nome de todos os alunos que orientava. Visitava todas as famílias e conquistava o carinho especial dos estudantes. Era firme em suas decisões, mas, ao mesmo tempo, amorosa e preocupada com a situação de cada um.

Também se preocupava com cada professor, ajudando no que podia para que todos se sentissem bem. Nas festas juninas, estava sempre presente, colaborando e fazendo de tudo para o bom andamento da escola.

Em 1997, foi convidada pelo então prefeito eleito, Magnus Guimarães, para assumir a Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Levou consigo um grupo da Escola Anita para compor sua equipe de trabalho. Foram quatro anos abençoados.

Diariamente, Rita iniciava seus trabalhos às 7h30 da manhã, visitando as escolas no momento da entrada dos alunos. Utilizava sempre seu próprio carro e combustível. Quando a Secretaria abria, às 9 horas, ela já havia realizado uma hora e meia de trabalho.

Incentivou e até exigiu que todos os professores que possuíam apenas o Ensino Médio cursassem a faculdade de Pedagogia. Conseguiu, junto à prefeitura, bolsas de estudo e até transporte para facilitar a formação de todos. Era uma mulher à frente de seu tempo.

Diversos projetos foram desenvolvidos nesse período, sempre com Rita à frente. Em 2000, deixou a Secretaria de Educação e candidatou-se ao cargo de vereadora do município, sendo eleita e exercendo seu mandato com dignidade e honestidade.

Particularmente, posso dizer que fui muito feliz em conhecê-la e em compartilhar várias fases de sua vida. Grande amiga, como diz a Bíblia: “há amigos mais chegados que um irmão”, e ela foi uma dessas pessoas.

Sua vida, aos nossos olhos, foi breve, mas intensamente vivida em favor das pessoas.

Saudades eternas, amiga. Até breve.



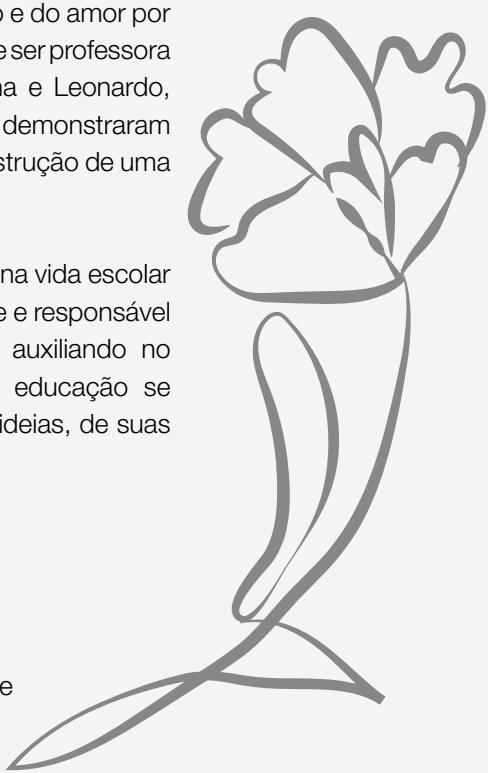


MARIA LEDIR SANTOS DE ABREU, nascida em 18 de dezembro de 1954, em Itapema, é graduada em Ciências do Primeiro Grau pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Dedicou grande parte de sua vida à educação, atuando como professora nas Escolas Osvaldo dos Reis, Pedro Álvares Cabral e Anita Garibaldi, onde também exerceu a função de auxiliar de direção. Trabalhou com turmas do Ensino Fundamental e destacou-se pelo compromisso com a formação educacional do município. Também assumiu interinamente a Secretaria Municipal de Educação de Itapema, contribuindo para a continuidade dos trabalhos educacionais com dedicação e responsabilidade.

POEMA PARA RITA!

Por Marileide Lonzetti

Minha homenagem a essa pessoa incrível, que marcou sua trajetória por meio da luta, da dedicação, do comprometimento e do amor por tudo o que fazia. Tive o privilégio de ser professora de seus dois filhos, Ana Carolina e Leonardo, ambos excelentes alunos, que demonstraram que a família é a base para a construção de uma educação ativa e participativa.



Assim era Rita: sempre presente na vida escolar de seus filhos, atuante como mãe e responsável com suas obrigações. Sempre auxiliando no que fosse preciso para que a educação se concretizasse por meio de suas ideias, de suas ações e de suas propostas.

Mulher guerreira
Que batalhou pela educação,
Abriu caminhos
Para toda realização.
Transformou sonhos em realidade
De crianças e adolescentes,
Proporcionou conhecimentos
Que foram além da escrita,
Espalhando apenas suas conquistas.

Mulher e mãe
Que soube educar seus filhos,
Estudiosos e responsáveis,
Que nunca deixaram de amar.



Mulher e esposa Que construiu sua família, Abençoou seu lar, Dedicou-se a cada um Com alegria e dedicação, Mostrando ao mundo Que a vida sempre será bela Quando agimos com emoção.

Rita foi e sempre será um exemplo de mulher que enalteceu a educação.

Com seu sorriso discreto, conquistava o coração das pessoas e estava sempre pronta para ajudar, mesmo quando as barreiras eram evidentes e os desafios insistiam em aparecer. Ainda assim, ela não desistia. Mostrava a todos que podia fazer, inovar e realizar.

Quantos sorrisos espalhou ao longo de sua vida.
Quantos abraços distribuiu.
Quantas lutas tomou para si.
Essa era Rita:
Determinada;
Ousada;
Querida por todos.
Aprendemos muito com você.
Sofremos com sua partida tão inesperada,
Mas as lembranças permanecerão eternas.
Você jamais será esquecida!
Saudades eternas! Com carinho,



MARILEIDE LONZETTI é natural de Erechim (RS), onde nasceu no dia 03 de março de 1963.

Publicou seu primeiro livro “Sonhos e Encantos”, em 1999. Em 2002 lançou o livro “Poesias My” em parceria com sua filha Yasmin. Após, publicou “Versinhos de A a Z”; “Poemas para ilustrar”; “Histórias e estórias de um professor”. Teve participação no “Talento poético” com suas poesias, de 2016 a 2020. Foi revisora da Editora Becalete, no período de 2019 a 2020. Atuou como professora e coordenadora pedagógica. Atualmente está aposentada fazendo trabalho voluntário nas escolas, como contadora de história. É membro-fundadora da Academia Itapemense de Letras, ocupando a cadeira número 10, tendo como patrono Visconde de Taunay.

HÁ PESSOAS QUE PERMANECEM



Por Marily Helena da Silva

Há pessoas que a vida nos presenteia de maneiras inesperadas... e a escola, esse espaço tão fértil de encontros, me ofertou um dos presentes mais especiais da minha caminhada: a Rita.

Tive o privilégio de conhecê-la em diferentes papéis e, talvez justamente por isso, ela tenha sido tão grandiosa na minha história. Foi mãe dos primeiros alunos que passaram por minhas mãos e pelo meu coração, Ana Carolina e Leonardo; foi cliente, parceira de tantas conversas e, acima de tudo, tornou-se amiga. Daquelas amizades que a vida constrói com verdade, admiração e propósito.

Falar da Rita é falar de uma mulher absolutamente convicta da educação como transformação. Uma defensora incansável do ensinar, do cuidar, do formar. Mas não apenas da educação enquanto sistema... da educação enquanto olhar para o ser humano. Porque Rita nunca enxergou números, protocolos ou funções; ela enxergava pessoas. Sempre enxergou.

Foi educadora, orientadora, secretária municipal de Educação... e, em cada uma dessas funções, deixou sua marca de forma firme, ética e memorável. Nunca corrompeu seus princípios. Nunca negociou seus valores. E isso, num mundo em que tantas vezes o caminho mais fácil parece sedutor, a torna ainda mais admirável.

Tinha seu jeito único, inconfundível, intenso, atuante… aquele olhar atento de quem cuidava de verdade. E quem viveu o ambiente escolar com ela sabe exatamente do que estou falando. Era daquelas que acolhiam, orientavam, defendiam… mas que, quando necessário, também assumiam aquele papel de "mãe da gurizada", corrigindo com firmeza, porque seu compromisso nunca foi com a conveniência, e sim com a formação.

Que privilégio foi conviver tantos anos com uma mulher tão rica de essência. Quantas trocas tivemos… sobre a educação no cenário mais amplo, sobre os desafios de formar pessoas, sobre educação dentro das nossas próprias famílias, sobre ser mulher, sobre ocupar espaços com protagonismo, coragem e verdade. Rita tinha uma força admirável, daquelas que inspiravam e, sim, despertavam admiração em qualquer pessoa que tivesse a oportunidade de conhecê-la.

Sua partida foi precoce. Dolorosamente precoce. Daquelas que nos fazem questionar o tempo e desejar mais conversas, mais presença, mais encontros.

Mas, de alguma forma bonita e profundamente simbólica, a vida também me permitiu permanecer perto. Hoje, tenho a alegria de conviver com o pequeno Theo, quase como uma forma silenciosa de dizer a ela: "Fique em paz… estarei sempre olhando com carinho pelos seus." E temos também nossa pequena Mabel, dando continuidade à história, ao afeto, às raízes e à memória da tia Rita.

Porque há pessoas que partem fisicamente, mas seguem vivas nas sementes que plantaram, nas histórias que construíram e nos corações que tocaram.

Rita foi uma dessas mulheres raras.

Daquelas que deixam legado.

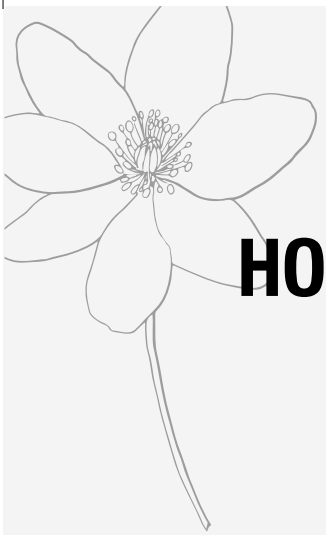
Daquelas que educam para além da sala de aula.

Daquelas que fazem da própria vida uma aula sobre caráter, coragem, humanidade e amor.

Que privilégio o meu ter caminhado ao seu lado.



MARILY HELENA DA SILVA, nascida em Gaspar (SC) e moradora de Itapema, construiu sua história de vida e propósito profundamente conectada à educação, atuando há 31 anos na educação do município. Educadora e empresária, carrega, acima de qualquer título, a paixão pela conexão entre pessoas e a convicção de que os encontros transformam vidas. Proprietária do Colégio Cuca do município de Itapema (SC). Mãe de Pedro Afonso e Vitor Afonso, avó da querida Sofia Helena e, em breve, da pequena Eva Maria, encontra na família sua base mais sólida, sustentada pelo respeito, amor e valores que atravessam gerações.



HOMENAGEM À RITA

Por Cristiani Soares Vieira

Existem pessoas que passam pela nossa vida deixando marcas tão profundas que o tempo jamais conseguirá apagar. Rita, para mim, foi mais do que uma professora, parceira e amiga. Foi um presente de Deus em minha caminhada.

Nossa história começou há mais de 35 anos, durante minha infância, quando, por alguns anos, fui sua aluna. Mais tarde, ao iniciar minha carreira como fonoaudióloga, tive a honra de vivenciar sua amizade e seu incentivo constante.

Ela acreditava em mim de uma forma tão bonita e verdadeira, reafirmando minha identidade profissional e me mostrando, muitas vezes, antes mesmo de eu perceber, que eu era capaz.

Guardo com carinho as lembranças do seu coração generoso. Recordo-me de várias ocasiões em que colocava seus alunos dentro do carro e os levava até o postinho onde eu trabalhava, para que pudéssemos ajudar e avaliar crianças que precisavam de cuidado e atenção.

Sua vida foi marcada pela empatia, pelo amor ao próximo e pela disposição em servir. Ela possuía um coração puro, generoso e sensível às necessidades das pessoas.

Também ficaram eternizados em minha memória nossos cafés, nossas conversas sobre a vida, os conselhos e os momentos de amizade sincera. Em uma dessas conversas, ela me fez um pedido especial: que eu orasse pela Aninha e jamais a deixasse. E assim tenho feito, com amor e fidelidade, aguardando o dia em que nos reencontraremos na glória do Senhor.

Hoje, mesmo com sua ausência física, sua presença continua viva em meu coração, nas lembranças, nos ensinamentos e em tudo aquilo que ela semeou na vida das pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-la.

Rita partiu para junto de Jesus, mas deixou um legado de amor, fé, cuidado e humanidade que jamais será esquecido.

"Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé."
(2 Timóteo 4:7)

Rita seguirá eternamente viva em minha memória, em meu coração e no coração daqueles que a amaram.

Com amor, gratidão e saudade.



CRISTIANI SOARES VIEIRA, é fonoaudióloga, psicopedagoga e neuropsicopedagoga, proprietária da Clínica Estímulos. É graduada em Fonoaudiologia e possui pós-graduação em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Casada, mãe de quatro filhos e cristã, destaca em sua trajetória o cuidado com as famílias e o acolhimento aos pacientes.

ODE A RITA CAROLINA WERNER WOLLINGER

Por Maristela Oliveira Rocha

Há pessoas que passam pela escola apenas como profissionais. E há aquelas que transformam corredores, salas e vidas em territórios de esperança. Assim é a educadora Rita Carolina.

Entre cadernos, reuniões e longas caminhadas em defesa da educação, Rita fez da palavra 'coragem' um exercício diário. Professora por vocação, mãe por amor e amiga por essência, tornou-se uma voz firme nas lutas por direitos humanitários e civis, acreditando que educar também é acolher, defender e resistir.

Quem a vê em marcha por melhores condições de ensino talvez não imagine quantas batalhas silenciosas cabem em seu sorriso sereno. Rita desbravou caminhos onde muitos enxergavam obstáculos. Levou diálogo onde havia silêncio e esperança onde insistiam em plantar desânimo.

Sua trajetória lembra essas árvores antigas do Sul: raízes profundas, sombra generosa e força capaz de enfrentar tempestades sem deixar de florescer. Porque algumas pessoas ensinam matérias. Outras, como Rita Carolina, ensinam humanidade.

A trajetória de Rita Carolina deixou marcas profundas por onde passou.

Em cada luta, escreveu páginas de conquistas; em cada gesto de acolhimento, semeou esperança. Sua presença brilhou com um lume dourado, desses que aquecem a alma e iluminam caminhos mesmo depois da partida.

Hoje, permanece a saudade — serena e imensa — misturada à certeza de que Rita criou laços eternos. Sua voz escreveu liberdade, sua coragem tornou-se exemplo e sua memória vive como estrela maior no céu das lembranças.

Ela segue viva nas histórias contadas entre amigos, nos corredores da educação, nos abraços que ensinou a fortalecer e nos corações que jamais esquecerão sua caminhada. Porque há pessoas que não se despedem por inteiro: transformam-se em luz, permanência e inspiração.



MARISTELA OLIVEIRA ROCHA, escritora de contos e poesias. Membro da Academia Itapemense de Letras desde 2008. Acredita que é através da arte que se pode tocar os sentimentos mais profundos e sinceros e se conectar através da literatura.

Graduada em Pedagogia, com pós-graduação em Educação Especial e formação técnica em Alfabetização de EJA do Campo, foi líder comunitária na zona rural de São Borja (RS) e atualmente reside em Itapema (SC).

Procura promover a troca de saberes nas áreas de seu conhecimento. Desenvolveu projetos de alfabetização com adultos do campo, em parceria com entidades de classe.

Acredita que é através da educação que a humanidade evolui, sendo a literatura uma importante ferramenta na evolução humana.

As Ritas da Caminhada

Por Maristela Oliveira Rocha

De quantas Ritas se faz uma caminhada de lutas?
Quantas vozes se levantam quando a injustiça escuta?
Quantas mãos seguem firmes, mesmo cansadas,
transformando dor em causas abraçadas?

Quantas Ritas avançam contra opressores,
defendendo escolas, alunos e professores?
Quantas seguem de cabeça erguida,
fazendo da coragem a própria vida?

Quantas Ritas buscaram, sob chuva e vento,
o caminho do diálogo em difíceis momentos?
Quantas esperaram portas se abrirem em vão,
mas nunca deixaram morrer a convicção?

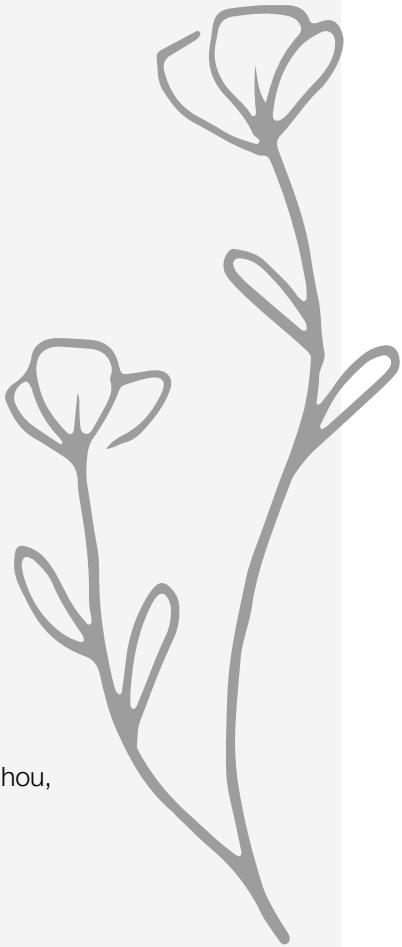
Quantas Ritas, em uníssono, bradaram por direitos,
por uma educação mais justa em todos os aspectos?
Quantas transformaram lágrimas em resistência
e fizeram da luta uma permanência?

Uma Rita Carolina não caminha sozinha.
Marcha ao lado de centenas de outras Ritas:
altivas, guerreiras, vencedoras.
Mulheres que não recuam diante das horas difíceis.
Mulheres que fazem da educação
um ato diário de esperança e transformação.



Poema para Professora Rita Carolina

Por Maristela Oliveira Rocha



Rita Carolina, mulher de valor,
leva na fala esperança e amor.
Professora amiga, de grande missão,
planta sonhos vivos em cada coração.

Na educação fez sua bandeira,
lutando com força a vida inteira.
Defende a escola, a criança e o saber,
mostrando caminhos para crescer.

Mãe dedicada, exemplo e carinho,
nunca desiste do próprio caminho.
Com coragem enfrenta cada jornada,
sempre firme, sempre admirada.

Como vereadora, buscou transformação,
ouvindo o povo com atenção.
E na Secretaria da Educação também brilhou,
com trabalho e cuidado, muitos inspirou.

Amiga presente, de sorriso acolhedor,
espalha esperança por onde for.
Rita Carolina, nome de respeito e luz,
mulher que ensina, acolhe e conduz.

HOMENAGEM À RITA CAROLINA WERNER WOLLINGER

Por Magnus Francisco Antunes Guimarães



Senhor Presidente André Gobbo!
Confrades e confreiras!
Autoridades presentes ou representadas!
Senhoras e senhores!

O ano de 1996 decorria sombriamente, com a troca de fechaduras das portas da Prefeitura Municipal de Itapema, em decorrência de sucessivas ações de seus ocupantes, que se revezavam no cargo de prefeito conforme as liminares obtidas pelas facções políticas que disputavam o poder.

Um grupo importante da sociedade civil, da construção civil, liderado por Nico Russi, aumentou as forças de um partido que se propunha a dar fim aos escândalos que se avolumavam nos corredores do poder municipal.

Outro fator decisivo para minha eleição a prefeito municipal ocorreu quando uma extraordinária empresária e líder comunitária aceitou compor a chapa majoritária como candidata à vice-prefeita: Darcy Steil da Silva, também educadora de renome na comunidade

educacional itapemense, fundadora e presidente da Casa de Caridade Madre Teresa de Calcutá.

Veio a vitória em outubro de 1996.

Era, então, necessário organizar e compor os quadros político-partidários para enfrentar a nova fase política e administrativa de nosso município.

Era uma tarde ensolarada de outubro de 1996, início da "temporada", e eu despachava de um escritório de Eroni da Silva, rapidamente montado numa das ruas da Meia Praia, onde ainda chegava o sol, quando surgiu no limiar da porta D. Darcy, viceprefeita eleita, e, ao seu lado, uma senhora distinta que me pareceu, à primeira vista (eu tenho a mania de traçar o perfil psicológico das pessoas), uma pessoa voluntariosa e determinada.

D. Darcy disse:

— Dr. Magnus! Atendi ao seu pedido e lhe apresento a professora Rita para ser a Secretária de Educação.

Procedidas as apresentações de praxe, passamos ao trabalho no sentido de organizar os quadros administrativos.

A professora Rita, com larga experiência em educação, professora por muitos anos da Escola Estadual Básica Anita Garibaldi, só não foi diretora porque, mesmo tendo sido eleita pelo voto de suas colegas, outra professora foi nomeada por indicação política.

No mesmo dia da apresentação, iniciamos o trabalho. Rita esboçou um plano completo para a educação municipal em Itapema, a começar pela formação e qualificação profissional do corpo docente.

Confesso que fiquei impressionado. O plano era irretocável.

Mas ela foi mais adiante:

— Temos que unir forças com os professores, criar uma comissão para estudar leis que possam dar garantia jurídica tanto ao município quanto aos professores sobre seus direitos, e também sobre os direitos e responsabilidades dos servidores municipais.

Foi criada a comissão, a qual se reuniu várias vezes, ainda antes da posse, em 1º de janeiro de 1997.

Rita e D. Darcy indicaram nomes importantes para compor a Secretaria Municipal de Educação, que se salientaram no decorrer dos quatro anos na consecução de tudo aquilo que foi estabelecido naquela tarde quente na Meia Praia.

O tempo decorreu. O quadro educacional se completou com maestria e competência pelas mãos honradas de Rita. Professores e professoras demandaram às universidades em busca de conhecimento nas mais diversas áreas da educação.

A Secretaria Municipal de Educação ficou assim constituída: Secretária Municipal de Educação: Rita Carolina Werner Wollinger. Equipe: Giselda Graciela Storck, Maria Ledir Santos de Abreu, Elizete Sueli Gadotti, Marcos Aurélio Batista e Adriana Sarmento.

Diretores e diretoras de escolas:

Osvaldo dos Reis; Elisângela Crispim; Luís Francisco Vieira; Marlene Bertemes; Joaquim Vicente de Oliveira; Janete de Almeida Cardoso; Maria da Glória Farias; Ana Lúcia Bertemes Poffo; Bento Elói; Mirian Bodanesi; Tio Patinhas; Maria Adenir Machado; Soldadinho de Chumbo; Inácia Maria Simas Santos; Abelhinha Feliz; Rosemeri Machado; Maria Linhares de Souza; Irene Rosário; Pedro Alves Cabral; Eliane Bernardete Peixoto; Clube do Mickey; Andreia Stefany; Branca de Neve; Marilene Gonzaga.

O nível da educação aumentou consideravelmente. A qualidade do ensino ministrado evoluiu a tal ponto que, em dois anos, segundo dados oficiais do MEC publicados pela AMFRI (Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí), a educação de Itapema destacava-se entre os 11 municípios da região e do Estado.

As diretoras das escolas se esmeravam. Professores e professoras foram enviados ao exterior em busca de qualificação especial.

Pela Secretaria Municipal de Educação foi criado o Coral Vivaz, tendo como maestrina Jeane Barros de Souza e, como tecladista, Queila Barros de Souza, sob a responsabilidade da professora Giza. Um espetacular sucesso e que existe até hoje.

Oficinas de trabalho, criação do Conselho Municipal de Educação, bem como outros conselhos instituídos pela Lei nº 1.294/97, além de equipes de formação, marcaram o período.

No segundo ano do governo Magnus e D. Darcy, foi criada a Lei nº 1.496/98, em 1º de julho, com estudos também da Secretaria Municipal de Educação, sob o comando da professora Rita, instituindo o Regimento dos Servidores Públicos do Município de Itapema vinculados à Administração Direta, norma ainda em vigor.

Logo a seguir, no mesmo dia, foi promulgada a Lei Municipal nº 1.497/1998, de 1º de julho, instituindo o Plano de Carreira para o Magistério Público do Município de Itapema, também em vigor.

Graças à vontade incansável da professora Rita e de sua equipe, o município de Itapema passou a ter segurança jurídica e administrativa para professores e servidores públicos municipais.

Senhor Presidente!

Por dever de justiça, há que se reconhecer que dificilmente uma administração teria colhido tal êxito não fosse a determinação, coragem, destemor, competência e excepcional liderança de Rita Carolina Werner Wollinger no importante cargo de Secretária Municipal de Educação.

No ano de 2000, a professora Rita elegeu-se vereadora, razão pela qual teve que se desincompatibilizar do cargo de secretária municipal de Educação, assumindo em seu lugar a professora Maria Ledir Santos de Abreu, D. Leda, outra extraordinária liderança em nosso município, que se houve brilhantemente no cargo.

Rita, então, seguiu sua jornada para mais um desafio, como representante legítima na Câmara Municipal de Vereadores, demonstrando também no Poder Legislativo sua excepcional capacidade e preparo técnico.

Rita! Você foi um farol que iluminou várias gerações de adolescentes. Tua postura íntegra, verdadeira fortaleza moral, contribuiu sobremaneira para a construção de novos paradigmas e conceitos para a educação em geral, sinalizando aos pósteros o olhar autêntico para os jovens de ontem e de sempre, no sentido de que uma sólida educação, em sua integralidade, só se alcança com disciplina, verdade e autoridade.

Mais do que ninguém, proporcionaste ao corpo técnico a qualificação necessária para seus estudos e formação. E, mais ainda, construíste uma mentalidade socioeducativa integrando a qualificação profissional dos educadores e a responsabilidade dos pais no processo educacional.

Tu, Rita, eu bem sei, estiveste durante décadas a serviço da educação, sem descuidar da família, da qual foste esteio e amparo

seguro, sem abandonar os amigos, a quem sempre dedicou palavras de conforto e alento, com desvelo, dedicação e poderosa energia.

Até que um dia, assim de repente, faltou-te energia para ti mesma. A terrível doença COVID-19 ceifou tua vida, como a de outras 700 mil pessoas no país, em um quadro dramático de negacionismo e anticiência.

Sua morte aconteceu em 29 de março de 2021. A cidade inteira ficou comovida. Caía uma líder de forte personalidade, a luz que iluminava caminhos de várias gerações de estudantes.

Foram 43 anos como professora e educadora.

Curriculum vitae: Rita nasceu em 23 de junho de 1959, em Brusque (SC), no então distrito de Botuverá. Era filha de Jaimer Werner, exator estadual e vereador em Botuverá (SC), tendo sido presidente da Câmara Municipal de Vereadores, e de Araci Dolores Morelli Werner, do lar.

Rita graduou-se em Pedagogia — Habilitação em Administração Escolar — pela FURB, em Blumenau (SC), e em Administração de Empresas pela FURJ, em Joinville (SC). Possuía habilitações em Orientação Educacional e Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau.

Atividades profissionais: Prefeitura Municipal de Itapema — Secretária Municipal de Educação; Colégio Estadual Anita Garibaldi — professora, orientadora educacional e auxiliar de direção; Colégio Estadual Celso Ramos, Joinville (SC) — auxiliar de direção (1988/1989); 5ª Coordenadoria Local de Educação, Joinville — Divisão de Pessoal (1987);

Tu, Rita, eu bem sei, estiveste durante décadas a serviço da educação, sem descuidar da família, da qual foste esteio e amparo

seguro, sem abandonar os amigos, a quem sempre dedicou palavras de conforto e alento, com desvelo, dedicação e poderosa energia.

Até que um dia, assim de repente, faltou-te energia para ti mesma. A terrível doença COVID-19 ceifou tua vida, como a de outras 700 mil pessoas no país, em um quadro dramático de negacionismo e anticiência.

Sua morte aconteceu em 29 de março de 2021. A cidade inteira ficou comovida. Caía uma líder de forte personalidade, a luz que iluminava caminhos de várias gerações de estudantes.

Foram 43 anos como professora e educadora.

Curriculum vitae: Rita nasceu em 23 de junho de 1959, em Brusque (SC), no então distrito de Botuverá. Era filha de Jaimer Werner, exator estadual e vereador em Botuverá (SC), tendo sido presidente da Câmara Municipal de Vereadores, e de Araci Dolores Morelli Werner, do lar.

Rita graduou-se em Pedagogia — Habilitação em Administração Escolar — pela FURB, em Blumenau (SC), e em Administração de Empresas pela FURJ, em Joinville (SC). Possuía habilitações em Orientação Educacional e Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau.

Atividades profissionais: Prefeitura Municipal de Itapema — Secretária Municipal de Educação; Colégio Estadual Anita Garibaldi — professora, orientadora educacional e auxiliar de direção; Colégio Estadual Celso Ramos, Joinville (SC) — auxiliar de direção (1988/1989); 5ª Coordenadoria Local de Educação, Joinville — Divisão de Pessoal (1987);

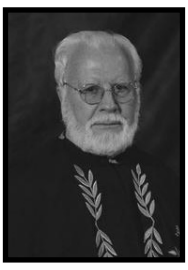
Rita, te tornaste um membro honorário desta Academia. Mais do que isso, um símbolo de coragem e amor na defesa intransigente de uma verdadeira educação integral.

Senhoras e senhores! Os espíritos elevados são assim!

Sei que estás em paz!

Senhor Presidente! Peço licença para declarar a presença de nossa homenageada, com as honras de estilo.

Rita Carolina Werner Wollinger! PRESENTE!



MAGNUS FRANCISCO ANTUNES GUIMARÃES, é um advogado com mais de 250 defesas em Tribunais do Júri no RS, MS, RO, SC e no Distrito Federal. Político e escritor; estudou na E M Ruy Barbosa, em Ijuí (RS), E M Visconde de Cairú, Santa Rosa (RS), Ginásio Estadual Pio XII (Cardeal Pacelli) Três de Maio (RS), Colégio Evangélico Augusto Pestana, em Ijuí (RS); Faculdade de Direito de Passo Fundo (RS); Professor no Ginásio Estadual Cardeal Pacelli e no CNEG; Deputado Federal (RS), com dois mandatos (1974/78 e 1978/82), Prefeito Municipal Itapema (SC), de 1997 a 2000; Vereador de Itapema (SC), entre 2012 e 2016 e também em 2018; Assessor Legislativo na Assembleia Legislativa, Porto Velho (RO); Presidente da Estatal Cia de Mineração de Rondônia, Porto Velho (RO); Secretário de Planejamento, Três de Maio (RS); Assessor Jurídico Prefeituras Municipais de Santa Rosa, Três de Maio, Independência e Horizontina, todas no Rio Grande do Sul; Assessor Jurídico e Diretor de Planejamento, Secretaria Municipal de Educação Prefeitura Itapema (SC).

RITA: UMA MULHER QUE EDUCAVA COM PRESENÇA

Por Maira Kelling



Há pessoas que passam pela educação.

E há aquelas que permanecem nela, mesmo depois da partida.

Falar de Rita Carolina Werner Wollinger é falar de uma mulher que compreendia a educação para além das paredes da escola. Sua presença carregava firmeza, sensibilidade e um compromisso verdadeiro com as pessoas.

Como professora da rede municipal de Itapema desde 1991, tive o privilégio de acompanhar parte de sua trajetória pública enquanto esteve à frente da Secretaria de Educação. Mais do que gestora, Rita era alguém próxima das escolas, das professoras, das famílias e das crianças.

Durante muitos anos, atuou como orientadora educacional da Escola Anita Garibaldi, construindo uma relação profundamente humana com a comunidade escolar. Conhecia os alunos pelo nome, compreendia as histórias familiares, acompanhava as dificuldades, celebrava conquistas e mantinha uma presença que transmitia acolhimento e responsabilidade.

Guardo com carinho a confiança que depositou em meu trabalho ao entregar a mim a educação de um de seus filhos, meu aluno na antiga 4ª série. Há gestos que atravessam o tempo — e esse sempre permanecerá comigo como símbolo de respeito, confiança e reconhecimento.

Rita pertence à história de Itapema.

Mas pertence, sobretudo, à memória afetiva daqueles que acreditam na educação como caminho de transformação.

Foi professora.

Foi liderança.

Foi mulher pública em tempos em que ocupar espaços de decisão exigia ainda mais coragem.

Foi uma guerreira da educação.

Hoje, ao escrever estas palavras como integrante da Academia Itapemense de Letras, sinto que homenagear Rita é também homenagear uma geração de mulheres educadoras que ajudaram a construir os caminhos da educação em nossa cidade com trabalho, resistência e humanidade.

Algumas pessoas partem cedo demais.

Mas há legados que permanecem vivos nas escolas, nas histórias, nas lembranças e nas vidas que ajudaram a transformar.

E Rita permanece.



MAIRA KELLING, é professora e advogada, escritora e Mestre em Educação. Atua na formação continuada de professores alfabetizadores, com destaque para sua participação no PNAIC como Formadora Estadual.

É membro da Academia Itapemense de Letras desde 2006, onde ocupa a Cadeira 15, que tem como patronesse Delminda da Silveira.

Criadora do perfil @acaoalfaletrar (Instagram e YouTube), compartilha reflexões e práticas sobre alfabetização, leitura e escrita.

Desenvolve projetos literários e pedagógicos voltados à valorização da cultura, da infância e da formação docente.

Tem experiência na coordenação de programas municipais de alfabetização e já participou como jurada e homenageada em concursos literários.

A PÁSCOA DA DONA RITA!

Por André Gobbo
Balneário Camboriú (SC), 29 de março de 2021

Sim, foi com ela que aprendi a gostar deste tempo da Páscoa! Não aquela dos coelhos e dos chocolates. Antes dela, eu sempre via na dita "magia" do Natal e das festas de final de ano a graça maior. Sentia-me seduzido pelas trocas de presentes, festas em família e fogos de réveillon. Aquilo me enchia de alegria... enquanto a Páscoa eu sempre via como uma cerimônia fúnebre, triste e monótona.

Até que um dia, dentre as tantas conversas que tivemos desde quando nos conhecemos e nos tornamos amigos, ela me conduziu a olhar para a Páscoa com outro olhar e, a partir de então, passei a viver esta "passagem sacra" de uma outra forma: uma oportunidade única para que Cristo ressurgisse em nossos maculados e machucados corações.

Depois daquela conversa, todas as minhas Páscoas foram diferentes! Passei a vivenciar com fervor cada dia deste período, compreendendo que, por mais que envolvesse a paixão, a Via Crucis e a morte do Senhor Jesus, culminava com a sua Ressurreição, que também passa a ser nossa. Jesus Cristo é a nossa Páscoa definitiva!

Há muito aprendi com Rita Carolina Werner Wollinger que a Páscoa é tempo de nos revigorarmos, de nos encontrarmos conosco mesmos, de nos aproximarmos ainda mais de Jesus... E foi justamente numa Páscoa que o seu Jayme, o pai que ela tanto amava, também partiu na esperança da ressurreição!

Depois dessa compreensão, vivi esses dias com mais resiliência, mais silêncio e maior manifestação da minha fé.

E, às vésperas de vivermos mais um novo tempo pascal, naquele Domingo de Ramos acordei cedo para a celebração. Enquanto participava da cerimônia litúrgica, estava conectado com ela, pois sabia que era mais uma a lutar pela vida, acamada em um leito de hospital, vítima de uma doença que poderia ser controlada se cada um fizesse a sua parte. Por ela orei, dediquei amor e supliquei ao Pai para que fosse curada!

À tarde, recebi o boletim médico, o qual, apesar de ainda dizer que ela inspirava cuidados, devolvia-me a esperança de que Deus havia escutado as minhas preces e de que Rita poderia festejar, com saúde e juntamente conosco, mais uma "Festa das Festas" que ela tanto amava! Adormeci com o coração acalentado pela esperança de que, pela Santa Cruz, ela seria iluminada e salva.

Mas, da luta, em instantes passei para o luto. Quis a mão divina que, durante a escuridão da madrugada, de maneira discreta, como sempre gostou de ser, ela se elevasse para os braços do Pai para celebrar a sua própria Páscoa, muito mais próxima do Ressuscitado, a quem sempre amou e temeu. Quando acordei, a notícia que eu mais temia chegou! Minha amada Rita partiu, sem que eu sequer pudesse lhe prestar as últimas homenagens...

Assim, justamente na semana do ano que ela mais amava viver, Rita encerrou sua caminhada por este Calvário que ainda padece de tantas mazelas e dores sociais que ela, como profissional que foi — seja por meio da educação, seja na política — sempre buscou amenizar. Deixou-nos tristes e órfãos para ir ressuscitar nos braços do Nosso Pai!

Hoje, pela morte, ela se desfaz da cruz deste mundo para, enfim, comungar o pão e o vinho da Ceia celestial.

Professora, mulher guerreira, de fibra e coragem. Por 61 anos combateu tantos combates; alguns venceu e, noutros, foi vencida, mas jamais desistiu dos seus maiores sonhos; jamais deixou o seu carisma se abater e nunca se cansou de nos dar aquele abraço e nos fazer felizes com a sua presença e a sua luz!

Queridos familiares e amigos! Que essa Páscoa de nossa já saudosa Rita não seja em vão! Que o povo de Itapema, que ela tanto amava, muito mais do que apenas chorar a sua passagem prematura, possa se empoderar de toda a coragem que ela demonstrou ter, nunca se esquivando da luta para garantir a todos, sobretudo aos mais necessitados, o direito à educação, à saúde, ao esporte e à cultura, à assistência social e ao combate ferrenho à corrupção.

Que mais essa passagem não se transforme em um número, mas que seja, para todos nós que a amávamos, mais um dos milhares de motivos que temos para nos posicionarmos e nos indignarmos com a ingerência das autoridades em meio a esse período pandêmico, que ceifa centenas de milhares de vidas e nos faz adoecer e morrer, dia após dia, mesmo continuando vivos. Que, com a sua partida, assumamos um novo compromisso com a vida humana e a dignidade de todos!

Nesta Semana Santa, seguindo pelo calvário de todos os que ficam e a amavam, sinto a espada transpassar o nosso peito, causando-nos dor e tornando-nos incapazes de segurar as lágrimas da despedida.

A partir de agora, não teremos mais a Rita das palavras e dos quitutes doces! Não teremos mais a Rita dos impecáveis artesanatos! Não veremos mais a Professora Rita: esposa, amiga, mãe, irmã, avó; AMOR!

Mas a sentiremos, lá do alto dos céus, intercedendo pelo nosso socorro e rogando ao Pai para que amenize o peso desta cruz que continuamos a carregar.

Amada Rita! Por tudo o que foste e fizeste por nós, sabemos que os anjos e santos hoje a recebem no céu. Que você se mantenha junto à mesa da Ceia do Senhor! Interceda por nós, este povo sofrido, junto à Nossa Senhora das Dores, para que os nossos flagelos sejam curados. E que, no próximo domingo, dia da grande festa da Ressurreição, sua alma transborde com a Luz do Senhor, para que siga em frente, feliz e radiante, nesta sua nova e abençoada morada.

Minha amada Rita! Viva intensamente essa nova Páscoa que me ensinaste a amar! A partir de hoje, você não mais é vítima da morte, mas continuará sendo, para nós, este exemplo de mulher conquistadora, que agora vive a vida imortal que o próprio Cristo adquiriu para nós. Suas dores e seus sofrimentos passaram; agora tudo é glória! Glória para Ele e glória para você. Afinal, como está prometido nas Sagradas Escrituras: "[...] todos morrem, também em Cristo todos viverão" (1Cor 15,21-22).

Amiga! Prepare as violetas nas janelas da sua nova morada; afinal, qualquer dia, certamente, a gente vai se reencontrar!



GALERIA DOS PRESIDENTES

Diretorias

2000 - 2026

Ao longo de sua trajetória, a Academia Itapemense de Letras foi conduzida por mulheres e homens comprometidos com a cultura, a educação e a valorização da literatura em nossa cidade. Nesta galeria, prestamos justa homenagem àqueles que, entre 2000 e 2026, integraram as diretorias e assumiram a presidência desta instituição, dedicando seu tempo, saber e sensibilidade à consolidação e ao crescimento da Academia.

Cada nome aqui registrado representa um capítulo da nossa história comum — feita de encontros, ideias e realizações. A todos e todas, nossa gratidão e reconhecimento.

GALERIA DOS PRESIDENTES



2000 - 2002

André Gobbo

Vice: Francisco Antônio dos Anjos
1ª Secretária: Iara de Oliveira
2ª Secretária: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann
Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2002 - 2004

Maria de Lourdes Mallmann

Vice: Carlos Higgie
1ª Secretária: Marileide Lonzetti
2ª Secretária: Juely Anete Tortato
Tesoureira: Ilda Helena Cezar

GALERIA DOS PRESIDENTES



2004 - 2006

Marileide Lonzetti

Vice: Marilê Lourenço
1ª Secretária: Ilda Helena Cezar
2º Secretário: Magnus Francisco Antunes Guimarães
Tesoureiro: Pedro de Quadros Du Bois



2006 - 2008

Ilda Helena Cezar

Vice: Francisco Antônio dos Anjos
1ª Secretária: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann
2º Secretário: Eduardo Francisco Barbosa
Tesoureira: Vera Regina Wolf Schüssler

GALERIA DOS PRESIDENTES



2008 - 2010

Pedro de Quadros Du Bois

Vice: Ivo Gomes de Oliveira
1ª Secretária: Marilê Lourenço
2ª Secretária: Juely Anete Tortato
Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2010 - 2012

Maira G. F. Kelling

Vice: Francisco Eduardo Barbosa
1º Secretário: Francisco Antônio dos Anjos
2ª Secretária: Vera Regina Wolf Schüssler
Tesoureiro: Magnus Francisco Antunes Guimarães

GALERIA DOS PRESIDENTES



2020 - 2024

Estella Parisotto Lucas

Vice: Magnus Francisco Antunes Guimarães
1ª Secretária: Tatiana Testoni Coelho
2º Secretário: Francisco Antônio dos Anjos
Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2025 - 2026

André Gobbo

Vice: Ilda Helena Cezar
1ª Secretária: Marileide Lonzetti
2ª Secretária: Maristela Oliveira Rocha
Tesoureira: Estella Parisotto Lucas

CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS

Galeria

2000 - 2026

A estrutura da Academia Itapemense de Letras se fundamenta em cadeiras ocupadas por membros efetivos, cada uma delas vinculada a um patrono ou patrona — figura de relevância histórica, literária ou cultural escolhida como inspiração e referência.

Esta configuração honra a tradição das academias de letras, preservando a memória daqueles que contribuíram para o legado cultural de nossa cidade, de nosso estado e de nosso país. Ao mesmo tempo, reconhece o trabalho dos acadêmicos e acadêmicas que, no presente, dão continuidade a esse legado com dedicação e produção intelectual.

Nesta seção, apresentamos as cadeiras, seus respectivos patronos e os nomes daqueles que as ocuparam ao longo da história da entidade.

CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS

As imagens dos patronos e patronas foram reproduzidas e/ou recuperadas com o uso de Inteligência Artificial

CADEIRA 1

Patrono



Machado de Assis

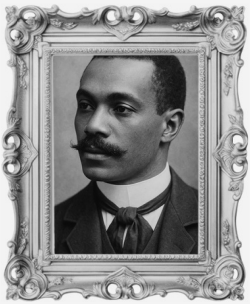
Titular



Maristela Oliveira Rocha

CADEIRA 2

Patrono



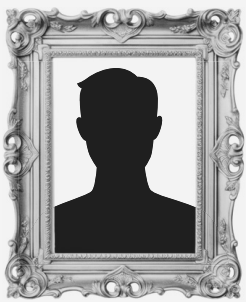
João Cruz e Souza

Fundadora



Maria de Lourdes Cardoso Mallmann

Sucessor I



Vago

CADEIRA 3

Patrona



Ana de Jesus Ribeiro

Fundadora



Juely Anete Tortato

CADEIRA 4

Patrono



Assis Chateaubriand

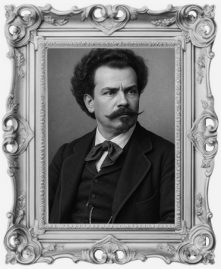
Fundador



Carlos Higgie

CADEIRA 5

Patrono



Carlos Gomes

Fundadora



Ofélia Terezinha Baldan

Sucessor I



Vago

CADEIRA 6

Patrono



Lindolf Bell

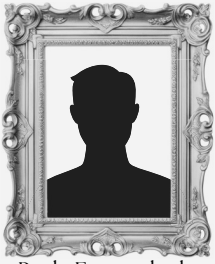
Fundadora



Marilê Lúcia Dinon

CADEIRA 7

Patrono



Paulo Fernando de Araújo Lago

Fundador



Francisco Antônio dos Anjos

CADEIRA 8

Patrono



Dom José Gomes

Fundador



André Gobbo

CADEIRA 9

Patrono



Celso Ramos

Fundadora



Luiza Machado dos Santos

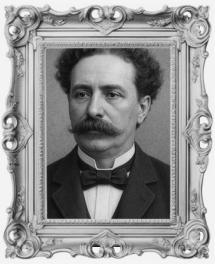
Sucessor I



Vago

CADEIRA 10

Patrono



Visconde de Taunay

Fundadora



Marileide Lonzetti

CADEIRA 11

Patrono



Holdemar Menezes

Titular



Vaga

CADEIRA 12

Patrono



Odilon Lunardelli

Titular



Cássia Cristina da Silva

CADEIRA 13

Patrono



Franklin Cascaes

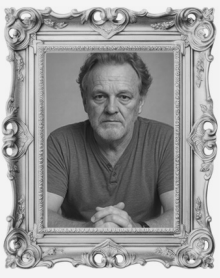
Titular



Tatiana Testoni Coelho

CADEIRA 14

Patrono



Alcides Buss

Titular



Zeni Maria de Oliveira

CADEIRA 15

Patrona



Delminda Silveira de Souza

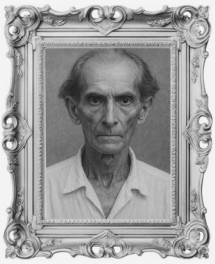
Titular



Maira Kelling

CADEIRA 16

Patrono



Ernâni Rosas

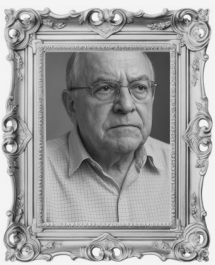
Titular



Joel Eyroff

CADEIRA 17

Patrono



João Paulo Silveira de Souza

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 18

Patrono



Jerônimo Francisco Coelho

Sucessor I



Vago

CADEIRA 19

Patrona



Urda Alice Klueger

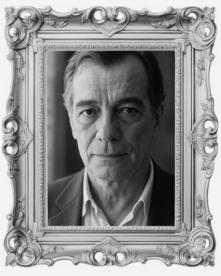
Sucessor I



Vago

CADEIRA 20

Patrono



Harry Laus

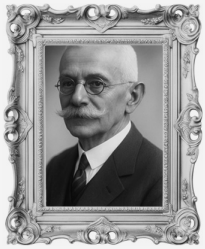
Titular



Vera Regina Wolf Schüssler

CADEIRA 21

Patrono



Henrique Boiteux

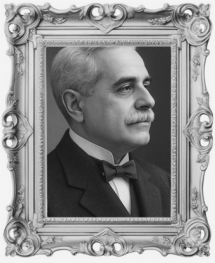
Sucessor 1



Vago

CADEIRA 22

Patrono



Hercílio Luz

Sucessor 1



Pedro de Quadros Du Bois

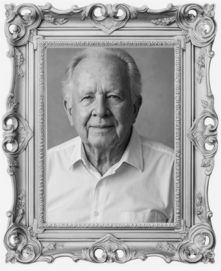
Titular



Haroldo Augusto Moreira

CADEIRA 23

Patrono



Hugo Mund Júnior

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 24

Patrono



Paschoal Apóstolo Pítsica

Sucessor I



Vago

CADEIRA 25

Patrono



Fernando José Karl

Titular



Ivo Gomes de Oliveira

CADEIRA 26

Patrona



Júlia da Costa

Titular



Edison Luiz Leal Junior

CADEIRA 27

Patrono



Lauro Severiano Müller

Fundadora



Ilda Helena Cezar

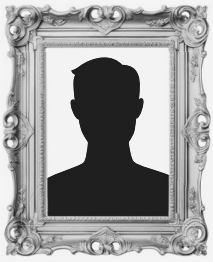
CADEIRA 28

Patrono



Luis Delfino dos Santos

Titular



Vago

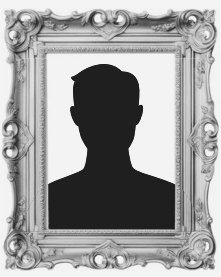
CADEIRA 29

Patrono



Marcos Konder Reis

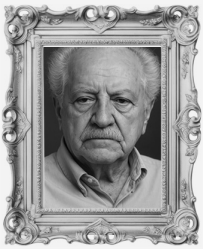
Sucessor I



Vago

CADEIRA 30

Patrono



Salim Miguel

Titular



Samara Miranda

CADEIRA 31

Patrono



Álvaro Augusto de Carvalho

Sucessor I



Vago

CADEIRA 32

Patrona



Maura de Senna Pereira

Sucessor I



Vago

CADEIRA 33

Patrono



Oswaldo Rodrigues Cabral

Titular



Estella Parisotto Lucas

CADEIRA 34

Patrono



Paulo Markun

Sucessor 1



Vago

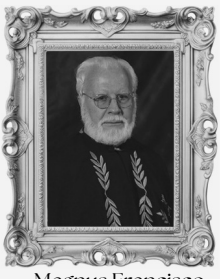
CADEIRA 35

Patrono



Raulino Reitz

Titular



Magnus Francisco Antunes Guimarães

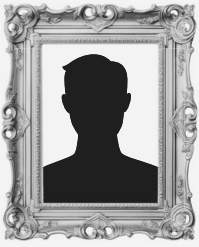
CADEIRA 36

Patrono



Silvio Pélico de Freitas Noronha

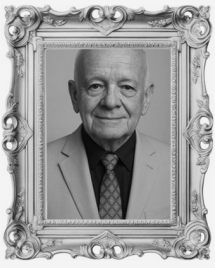
Sucessor I



Vago

CADEIRA 37

Patrono



Donald Schüler

Sucessor I



Vago

CADEIRA 38

Patrono



Victor Meirelles de Lima

Titular



Francisco Eduardo Barbosa

CADEIRA 39

Patrona



Lausimar Laus

Sucessor I



Vago

CADEIRA 40

Patrona



Antonieta de Barros

Titular



Sabino Bussanello

MEMBROS HONORÁRIOS

As imagens dos membros honorários foram reproduzidas e/ou recuperadas com o uso de Inteligência Artificial



Paschoal
Apóstolo Pítsica
(2000)



Rita Carolina
Werner Wollinger
(2026)



Rita, com o neto Théo, prestigiando o lançamento do livro 'Entre versos e rimas, Luiza', da acadêmica Luiza Machado dos Santos, em 2018.



EDITORA BECALETE

Livros e Encantos

Valorizar o autor nacional é a nossa missão!

Impresso no Brasil